

PE. JOÃO BATISTA CORTONA, OSJ

BREVES MEMÓRIAS

DA

VIDA DE DOM JOSE MARELLO

BISPO DE ACQUI

E DA

CONGREGAÇÃO POR ELE FUNDADA

ASTI

ESCOLA GRÁFICA “SÃO JOSÉ”

1920

AOS LEITORES

Entre as biografias de Dom José Marelllo, Bispo de Acqui e Fundador da Congregação do Oblatos de São José, as BREVES MEMÓRIAS do Pe. João Batista Cortona ocupam sem dúvida alguma o lugar de honra.

Foi ele quem primeiro escreveu sobre o Fundador e a sua obra, depois de ter convivido por anos com ele, ter merecido a sua estima e confiança, e tê-lo substituído na direção de Santa Chiara e do Instituto nascente. Foi ele que mais de perto acompanhou o desenvolver-se do primitivo Projeto Marelliano na atual Congregação de São José, espalhada em três continentes e nove países. Foi ele, sobretudo, que forjou gerações de Religiosos de verdadeiro espírito josefino-marelliano, capazes de grande oração e incansável zelo apostólico.

Fazia falta, por isso, entre nós uma tradução das “Breves Memórias”, que tornasse possível também às novas gerações Josefinas do Brasil a aproximação e assimilação do genuíno espírito do Fundador.

Assim, quando a Providência quis me livrar ao mesmo tempo dos doces pesos da Paróquia e do Noviciado e me transferiu de Londrina para Curitiba, ao assumir o cargo de Reitor do Seminário Maior (cargo que já foi do saudoso Pe. Mário Tésio), lembrei-me de quantas vezes o mesmo Pe. Mário me pediu que levasse a termo um empreendimento tão necessário e útil, apesar de arriscado e difícil. Pela insistência mais que justa dele, tratei logo de encontrar tempo e ânimo para traduzir para a língua do “Rei Pele” o estilo um tanto solene e antiquado do original italiano, cheio de formas clássi-

cas e citações latinas, que aqui - infelizmente - ninguém mais entende...

Foram tomadas, pois certas liberdades que, porém, esperamos não tenham destruído por completo o típico sabor “cortoniano”: os Confrades que conhecem a língua italiana sejam pacientes e compreensivos...

Se Deus quiser, um dia vai aparecer quem se decida a fazer melhor, com grande e sincera satisfação de todos, inclusive do atual improvisado tradutor. Mas, no entanto, até mesmo uma tradução falha como esta será capaz de levar-nos de volta aos tempos heróicos do Michelério e da primeira Santa Chiara, para fazer-nos sentir vontade de revivê-los, hoje e aqui, em nossas Comunidades Josefinas do Brasil.

É o que muito desejamos aos Leitores que pacientemente se dispõem à Leitura das páginas a seguir.

Curitiba, 13 de maio de 1987.

PE. GIOCONDO ANTONIO BRONZINI, OSJ.

AO ÍNCLITO PATRIARCA

SÃO JOSÉ

PAI PUTATIVO DE JESUS CRISTO,

ESOSO CASTÍSSIMO DE MARIA SANTÍSSIMA

PATRONO DA IGREJA UNIVERSAL

E

NOSSO DOCE PROTETOR

PREFÁCIO

Venerandos e Caríssimos Confrades,

Muitos foram os pedidos que vocês me fizeram, para que eu escrevesse os fatos pertinentes à vida de Dom José Marelló, nosso Bem-aventurado Fundador, como também ao início e desenvolvimento da nossa Congregação. Assim, seja para aceder aos vossos justos desejos; seja para demonstrar o amor que lhe devo como a um pai seja ainda para atestar a veneração que por ele nutro como a um mestre, determinei-me a publicar estas poucas páginas. Resolvi chamá-las Memórias. São Memórias, porque não foi minha intenção tecer uma história completa, nem da vida de Dom José Marelló, nem da Congregação. A tanto não chegariam a minha insuficiência e a escassez do tempo à minha disposição. Esta é uma simples narração dos principais fatos por mim observados durante o tempo em que tive a felicidade de estar junto a ele ou que pude recolher de testemunhas fidedignas.

São Memórias escritas em estilo simples e corriqueiro, como convém a um semelhante gênero de trabalho.

Claro que descrever brilhantemente homens e coisas e dar deles um conhecimento preciso, serve maravilhosamente para destacar a pessoa da qual se quer narrar a vida. Se tal não consegui, espero ao menos que o meu trabalho não seja inútil a quem com mais experiência se dispuser a este nobre e dedicado empreendimento.

O fim principal, porém destas memórias é excitar em todos um sentimento de imitação do nosso Fundador e retratar o espírito de mansidão, caridade e humildade, o zelo incansável de que era animado, e especialmente o amor e o cuidado que se deve aos jovens, muitas vezes insuficientemente instruídos na fé, ou antes, afastados com todos os meios por intriguistas para explorá-los em vista dos próprios interesses, ou por turbulências políticas. E aqui, é de se notar que se o Fundador com respeito à Congregação não se mostra tão claro e definido nos detalhes da idéia que Deus lhe manifesta, isto se deve ao seu espírito de modéstia e à determinação de fazer em tudo, aquilo que a Providência lhe vinha indicando.

Acontecia com ele, se assim me é lícito dizer, como com o pintor, que primeiramente vai desenhando as linhas gerais do quadro com os personagens principais; e depois, pouco a pouco, vai acrescentando aqueles toques que lhe parecem apropriados para tornar o quadro mais belo.

A nossa Congregação, última a nascer na Casa de Deus, não pode se ufanar nem da antigüidade das Ordens Religiosas, nem do esplendor de suas instituições, nem da coroa de santidade e doutrina de que as outras brilham tão vivamente; mas nem por isso está menos apta a fazer grandes coisas e a produzir os mais seletos frutos, se os seus componentes forem fiéis ao espírito do Fundador.

Era 30 de maio de 1895, quando em Savona morria Dom José Marelló. Hoje, precisamente, cumprem-se os 25 anos do seu feliz trânsito, e agora mais do nunca, do túmulo ele nos faz ouvir sua voz e nos indica o caminho que devemos seguir para sermos sempre seus verdadeiros filhos. Ele parece nos repetir a todos aquelas palavras do grande Matatias aos seus concidadãos: “Siga-me todo aquele que tiver zelo pela lei e guardar inviolado o testemunho” (II Mac 27).

Acolhamos pois este convite, rezando ao Senhor das Misericórdias para que, com a sua divina graça, o torne em nós fecundo de santas operações.

Eis o melhor fruto que desejaria colher de minha tênue fadiga.

E então, o Fundador, no céu, ficará feliz por poder nos apresentar ao grande patriarca São José com as palavras que o ilustre José do Egito dirigia a Jacó, seu pai, ao lhe apresentar Efraim e Manassés: “Eis aqui os meus filhos” (Gn 48,10). Estes são os filhos meus e vossos, aqueles que buscaram a glória do Redentor Jesus e a salvação das almas.

Pe. João Batista Cortona, OSJ

CAPÍTULO I

(1844 - 1867)

- Nascimentos do Dom José Marelo.
- É conduzido a São Martinho Alfieri.
- Sente-se chamado ao estado eclesiástico e ingressa no Seminário.
- Abandona os estudos eclesiásticos e inicia o curso comercial.
- Sua conduta neste meio tempo.
- Cai gravemente enfermo.
- Sua cura prodigiosa.
- Retoma os estudos eclesiásticos.

Dom José Marelo nasceu em Turim, na Paróquia de Corpus Christi à Rua “dei Pasticcieri”, aos 26 de dezembro de 1844, filho de Vicente Marelo e Ana Maria Viale, natural de Venería Reale. O menino foi batizado no mesmo dia em que nasceu e lhe foram dados os nomes de José, Chiaffredo, Estevão, sendo padrinhos o Sr. Chiaffredo Viale e a senhorita Teresa Secco.

A família Marelo é originária de São Martinho Alfieri, pequeno povoado da região astigiana, com cerca de 1300 habitantes. A aldeia, situada entre as colinas que dominam o vale do Rio Tánaro, adornada de vinhedos ubertosos e de férteis campinas, oferece ao

visitante uma paisagem encantadora. A população, apesar da onda de descrença espalhada por todo canto, mantém firme a fé de seus antepassados. O povoado possui um antigo castelo, feudo dos Marqueses Alfieri de Sostegno, e uma bonita igreja construída com a ajuda desses nobres senhores.

Vicente, aos 18 anos de idade tinha deixado a família e ido para Turim dedicar-se ao comércio, sonhando no seu ardor juvenil felicidade e bem estar. Ao cabo de alguns anos, estava casado; mas a sua felicidade fora muito breve, pois a morte logo lhe arrebatava a amada consorte na flor dos anos; casou então em segundas núpcias com Ana Maria Viale, de quem nasceram seus dois filhos: José o primogênito, glória da Igreja Astigiana, e Vitório. Tendo perdido também a sua segunda esposa no frescor dos anos, Vicente, transtornado pelo acontecimento, foi obrigado a deixar Turim e o seu comércio, para voltar a São Martinho Alfieri, junto de seus pais. Desta forma, ele lhes serviu de conforto na velhice e recebeu deles ajuda na educação dos filhos.

Pesa-nos não ter conseguido encontrar notícia alguma, nem da infância de nosso José, nem de quando e por quem lhe tenha sido conferido o sacramento da Crisma, ou mesmo do tempo em que tenha feito a primeira comunhão: donde, ignoramos as graças com que o Senhor se dignou embelezar esta breve passagem de sua vida.

Uma vez em São Martinho, José e o irmão prosseguiram a escola primária já iniciada em Turim; aliás, Vitório nunca mais deixou a aldeia, cultivou sempre o patrimônio paterno e foi muito estimado pelos concidadãos, por causa dos seus dotes de inteligência e bondade, por muito tempo exerceu louvavelmente o ofício de prefeito, tanto que, em reconhecimento pelos seus méritos, foi-lhe conferida a elevada condecoração de *Cavaliheiro da Coroa de Itália*.

O nosso José, já então com doze anos, distinguia-se entre os colegas pela vivacidade de engenho e aplicação ao estudo.

Naqueles anos, era Pároco de São Martinho o Reverendo Arcipreste Mons. João Batista Tórchio, sacerdote de preclaras virtudes, de exímia piedade, tido por todos em conceito de santo, cuja memória ainda hoje permanece viva no povo.

Ele via o Marelló assíduo ao catecismo e às sagradas funções, via-o todo dia assistir à santa missa, e com tal compostura e devoção a ponto de edificar a todos, entre eles a Marquesa Alfieri de Sostegno, que não se cansava de admirá-lo. O senhor Arcipreste, por isso queria-lhe como a um filho, e muitos anos depois considerava-se feliz de poder acompanhá-lo a Roma, quando para lá se dirigiu o Marelló para ser consagrado bispo. José, pela sua inteligência e bondade, formava a delícia do pai que se esforçava por satisfazer-lhe os desejos. Entre outros presentes, certa vez o levou consigo a Savona; viagem não indiferente para aqueles tempos. José, que tanto gostava de enriquecer a mente de novos conhecimentos, provou lá uma grande consolação, sobretudo porque teve ocasião de visitar o Santuário de “Nossa Senhora da Misericórdia”. Aliás adquiriu por aquele Santuário uma devoção tão grande, que conservou por toda a vida.

Concluído o curso primário e sentindo uma voz interior que o chamava ao estado eclesiástico, pediu ao pai para entrar no Seminário. O pai, apesar de sentir muito por ter que ficar longe de um filho tão querido, consentiu ao seu pedido. José, então, foi a Camerano de Asti, onde naquele tempo, por circunstâncias especiais, era a sede do Seminário e com sua grande alegria iniciou o estudo do latim. Era outubro de 1856.

As primeiras três séries do ginásio, ele as concluiu sem nenhuma particularidade. Diligente no estudo, nos exercícios de piedade, na observância do regulamento, era a consolação dos superiores e dos colegas. Doce e afável no trato, de porte esbelto, modos gentis e delicados, era querido por todos. Não ficava alheio às diversões sadias; a tal respeito, um velho aldeão de São Martinho, há poucos anos, contava a um dos nossos que tinha visto o Marelló muitas vezes, durante as férias outonais, jogar bola com habilidade e maestria.

Quem tem algum conhecimento da História Italiana, sabe muito bem dos graves acontecimentos que ocuparam o Piemonte em 1860. Sobre a Igreja desta época começava a desencadear-se um terrível vendaval, que pelo espaço de dez anos iria produzir inúmeras ruínas. Primeiro, a guerra dispersou as jovens esperanças do Seminário, com graves danos para sua educação; mais tarde, a obra nefanda das seitas e do liberalismo tirou os religiosos dos conventos, violou os mais sagrados direitos da Igreja e do pontificado, culminando com a ocupação de Roma e fazendo o Pontífice prisioneiro no Vaticano.

Deflagrada em abril de 1859 a guerra do Piemonte contra a Áustria, os seminários foram convertidos em quartéis militares. Daí que em 1860, quando o nosso clérigo cursava já o 4º ano de ginásio, foi obrigado com seus colegas a procurar uma pensão junto a alguma boa família da cidade, mesmo freqüentando as aulas de seus professores numa sala da Cúria Diocesana.

Chegando o período das férias, o pai de nosso José quis persuadi-lo a abandonar o estado eclesiástico e iniciar o curso comerci-

al. Mostrava-lhe como, sendo de inteligência brilhante e com boa propensão para as ciências positivas, teria um grande sucesso no mundo; como primogênito iria ilustrar a família, ajudar o pai nos negócios, consolá-lo em sua velhice. Por todo o imenso amor que lhe devotava, suplicava que lhe satisfizesse os desejos. Por dias a fio expôs-lhe os motivos acima, com toda a ternura de que pode ser capaz um coração paterno.

José sempre dócil, obediente e de índole mansa, não ousava resistir e muito menos contradizer a seu pai. Mas como era também poderoso e delicado de consciência, expunha-lhe candidamente as razões que tinha para ser fiel a Deus e não abandonar a vocação. O pai, porquanto fosse bom cristão, nada entendia das razões do filho e parecia-lhe que Deus ficaria contente da mesma forma se o filho o assecundasse dos seus desejos. Começou, então no caro jovem, uma luta interna entre a voz da consciência e a voz do pai; passava os dias calado e pensativo; pensava com saudade na vida de seminário, pedia a Deus que o fortificasse na prova. Embora aflito procurava mostrar-se alegre na presença do pai para não contristá-lo. O pai, por sua vez, insistia sempre no seu intento e um dia, finalmente, conseguiu levá-lo à decisão.

Então José escreveu aos Superiores e manifestou ao Arcipreste de São Martinho que, com muito pesar de sua parte e somente para assecundar os desejos e a vontade do pai, interrompia os estudos eclesiásticos. A esta notícia, os superiores ficaram muito aflitos, porque viam, num instante, dissipar-se as mais belas esperanças concebidas para o bem da Igreja. Isto se deu em outubro de 1860.

Nota: O autor cometeu um erro de cronologia, que por amor à verdade convém corrigir. Afirma ele que o Marelló interrompeu

os estudos eclesiásticos após o 4º ano ginásial; mas em verdade, dos registros do Seminário resulta que foi depois do 1º ano da Filosofia, ficando ausente de 1862 a 1863; e que quando regressou, foi como aluno de teologia.

Compreende-se daí, porque lhe fora imposta a veste talar pelo seu Arcipreste, na Paróquia de São Martinho, a 9 de fevereiro de 1864, enquanto estava ainda convalescendo em sua própria casa; e com ele voltou para o seminário, pela metade de fevereiro do mesmo ano, como aluno do 1º ano de Teologia, tendo sido dispensado da Filosofia.

É provável que o erro tenha sido devido à confusão com outro Marelo, seu colega, que deixou definitivamente o Seminário depois do 4º ano ginásial.

Vicente Marelo transferiu-se de São Martinho Alfieri a Turim. Alugou um modesto apartamento na casa do Sr. Marti, na rua do Seminário (a que agora tem nome de XX de setembro); deu-se novamente ao comércio. José iniciou o curso comercial, enquanto os seus colegas de Seminário se transferiam para os colégios do Dom Bosco, a fim de prosseguir os estudos.

Quem considere atentamente esta etapa da vida do Marelo, certamente poderá julgar que ele teve pouca firmeza e até mesmo pensar que foi um tanto leviano em assunto tão sério, abandonando assim a sua vocação. E poderá ser verdade. Mas quem considera o amor profundo do filho, e como é difícil para um coração delicado contrariar o próprio pai, deverá ao menos atenuar esta fraqueza, se assim a quiser chamar.

De minha parte, ousaria comparar a vida de Marelo ao alvorecer de um belo dia primaveril, quando sob um céu esplêndido e

terroso se forma uma neblina a ofuscar-lhe por um momento a beleza e o esplendor. Mas, tão logo desponta o sol no horizonte, o céu aparece mais límpido e sereno, e o sol chega a resplandecer em todo o seu fulgor.

Em Turim, em meio a tanta corrupção e dissipação dos jovens seus colegas, José manteve sempre uma vida exemplar, tanto que um engenheiro, que teve oportunidade de conhecê-lo de perto, várias vezes lhe repetiu: “Você não é feito para o mundo, mas para ser sacerdote”. Apesar de manter-se afastado de tudo o que pudesse ainda que ligeiramente ofuscar-lhe a beleza da alma, todavia, os perigos do mundo lhe causavam um grande pavor. Via-se como que fora de seu centro. Suspirava sempre pelo Seminário. Todos os dias, pedia a Nossa Senhora que viesse consolá-lo com a graça de assecundar o chamado de Deus.

A Virgem, que não sabe negar favores aos seus devotos, ouviu-lhe as súplicas de um modo que tem algo de prodigioso.

Todo mundo sabe que as tribulações nas mãos de Deus são o instrumento o mais comum com que Ele nos purifica, ilumina e reconduz ao reto caminho quando nos extraviamos. As tribulações são lições de misericórdia a nos ensinar que Deus somente é aquele que nos rege e governa. Enquanto o nosso jovem se entregava com empenho aos estudos para grande satisfação do pai, caiu gravemente enfermo de febre tifóide. No delírio da febre, parecia-lhe ter continuamente diante dos olhos uma veste talar, como nos atestam seus colegas de seminário. Entendeu que aquilo era um sinal do Senhor.

A Virgem da Consolação assegurou-lhe por uma voz interior ser da vontade de Deus que ele retomasse os estudos eclesiásticos, se não ela o chamaria para o céu. O mal no entanto se agravava e o pai, fora de si pela dor, ficou com medo de perdê-lo inexoravelmente.

Tentou todos os meios que o amor paterno pode sugerir; pediu também ele à Nossa Senhora da Consolação para que o poupasse. Acusava-se a si mesmo de ter sido a causa de tão grande mal e pensava que Deus o quisesse punir por ter impedido a vocação do filho.

Um dia em que, mais aflito que de costume, estava perto da cama do filho, este lhe disse com tristeza: “Pai, o senhor quer mesmo que eu sare?” “E você ainda pergunta?” respondeu o pai. “Sim, pergunto! Porque eu desejava continuar com os outros meus colegas os estudos para ser padre e o senhor não quis. Eu obedeci. Mas Nossa Senhora me queria lá... e vendo em quantos perigos me encontro, ouviu minha oração e me veio libertar. Estou certo de que, se o senhor consentir que eu siga o meu caminho, logo estarei curado: de outro jeito, Nossa Senhora me levará consigo”. O pai ouviu soluçando e depois, animando-se respondeu: “Se é assim, aceito, contanto que você fique bom”.

Estas são as palavras textuais de nosso jovem, como ao lermos em uma nota da vida de Santo Anselmo de Aosta, escrita pelo preclaro professor Pe. Francésia.

Com efeito, começou de repente a melhorar, e depois de poucos meses estava perfeitamente são. Em outubro de 1861, reviu com prazer e imensa alegria superiores e colegas de Seminário, e

agradeceu a Deus por tê-lo reconduzido ao porto tranqüilo e seguro. Foi dispensado do 5º ano do ginásio e deu início ao estudo da Filosofia numa sala da Cúria. Consta, porém, nos documentos que somente aos 09 de fevereiro de 1864, seu 1º ano de Teologia, vestiu a batinha clerical. Neste santo dia, com o mais vivo entusiasmo e com a mais tenra gratidão, renovou a Deus a promessa de servi-lo fielmente e de consagrar-lhe toda a sua vida, repetindo com o profeta: “Entregarei ao Senhor os meus propósitos”.

Durante o seu tirocínio, obteve sempre aprovação plena, tanto nos estudos, como na piedade, disciplina e conduta moral. Por causa disto, os superiores o destinaram ao cargo de assistente, demonstrando assim a grande estima que nutriam por ele.

Dois fatos particulares nos chegaram, que mostram o alto conceito em que era tido também pelos colegas de turma. Asti tem o mérito de haver dado à Itália o maior trágico, que rivalizou com os clássicos gregos e alcançou glória imortal. Nascido no seu território em janeiro de 1749, Vitório Alfieri foi sepultado em Santa Croce de Florença em outubro de 1803. Homem de espírito forte, vontade férrea e indômita altivez, mas intolerante a qualquer sujeição.

Em 1862, Asti erigia em sua homenagem, na maior praça da cidade, um monumento, obra do Sr. José Dini de Novara, e o inaugurava com solenes festejos e demonstrações de honra dignos de seu concidadão. Os professores do colégio cívico, para excitar a emulação entre os alunos, prometeram dar em prêmio uma artística medalha a quem fizesse a melhor composição literária sobre o grande e famoso patricio. Um desses alunos, que fora clérigo e conhecia por isso o Marelló, pediu-lhe que fizesse a redação em seu lugar. O nosso aceitou, e foi justamente o seu trabalho que foi premiado.

Em outra ocasião, os clérigos faziam os Exercícios Espirituais. O pregador exortava-os a se esforçarem para adquirir um grau de virtude que os tornasse aptos a cumprir qualquer ofício na Igreja. “Quem sabe - dizia para encorajá-lo, sobre a cabeça de algum de vocês não venha um dia a pousar uma mitra...” A estas palavras, todos os olhares se voltaram para o clérigo Marelló, quase adivinhando que precisamente ele seria elevado, um dia, àquela dignidade...

CAPÍTULO II

(1867 - 1877)

- Sua ordenação sacerdotal
- Dom Sávio, novo Bispo de Asti
- O Marelló é escolhido para secretário do Bispo
- Acompanha Dom Sávio ao Concílio Vaticano I
- Falece o seu pai
- Quer tornar-se trapista e Dom Sávio o dissuade
- Chamado a ser confessor de Dom Sávio
- Segunda tentativa de ingressar na Trapa

Os estudos de teologia estavam terminando e o Marelló exultava por ter atingido a suspirada meta do sacerdócio.

Da preparação que ele fez preceder às sagradas ordens, podemos facilmente ter idéia, a julgar pelo êxito que depois alcançou como excelente padre e santo prelado. Recebeu as sagradas ordens em Asti, de sua Excia. Revma. Dom Carlos Sávio: a sagrada tonsura e as quatro ordens menores a 21 de dezembro de 1867; o subdiaconato a 28 de março de 1868; o diaconato a 06 de junho do mesmo ano; e finalmente, a 19 de setembro o sacerdócio.

Celebrou sua primeira missa em São Martinho Alfieri e a segunda no pequeno Santuário do “Vallone de Antignano” de Asti, dedicado a Nossa Senhora das Mercês. Maria Santíssima sorriu ao neo-sacerdote que se preparava para trabalhar com entusiasmo pela libertação de tantas almas escravizadas pelo demônio: sujeição, esta, bem mais humilhante do que qualquer outra de tipo corporal...

Mais tarde, ele adquiriu aquele Santuário e, por meio de seus filhos, cuidou para que fosse convenientemente oficiado.

A esta altura, a narração nos manda falar, ao menos em breves acenos, do bispo Dom Carlos Sávio que a Providência destinara a ser o Diretor Espiritual e o sábio conselheiro do nosso Fundador. Sávio de nome e sábio de fato, repleto de sabedoria divina e humana, nasceu em Cúneo, Pátria também de Dom Lobetti e Dom Caisotti - seus predecessores na sede episcopal de Asti.

Após a infância e os estudos ginasiais, filósofos e teólogos em sua própria cidade, dedicou-se totalmente ao estudo da sabedoria cristã e, aos 25 anos de idade já pertencia ao Colégio dos Teólogos da Universidade de Turim. Como professor de dogmática, mostrou-se admirável pela facilidade do método, pela propriedade no dizer, pela erudição e profundidade de suas lições, como aparece também em seus livros. “Eu o recordo - dizia o ilustríssimo Cônego Vassallo, que fora seu aluno - e me ficará para sempre vivo na lembrança,

com que graça, com que variedade de argumentos e com que elegância ele tratava as questões mais difíceis. Lembro-me, também, com quanta benevolência e ternura nos acolhia, a ponto de ficarmos santamente atraídos pela suavidade de seus modos... “.

Dotado de extraordinária eloquência, era admirável pela facilidade com que improvisava sobre qualquer assunto, mesmo quando solicitado em cima da hora. Eleito bispo de Asti por Pio IX, ingressou na diocese no mês de junho de 1867.

Profundo conhecedor dos homens, Dom Sávio soube apreciar os dotes preclaros do clérigo Marelo, e apenas este foi ordenado sacerdote, o quis ao seu lado como secretário. Foi um sinal particular da bondade do Senhor, que destinava o novo levita a grandes empresas. Sob a guia de um excelente Bispo, que à doutrina incomum unia uma singular modéstia e profunda humildade, nosso Pai pode adquirir aquele conjunto de virtudes de que necessitava para sua alta missão. A convivência com um tal homem, o exemplo vivo que tinha de contínuo sob os olhos, causavam sempre viva impressão no bom secretário, que tinha mente perspicaz para aprender toda disciplina mais sublime, e coração generoso para imitar todo exemplo de virtude. O progresso que ia fazendo na perfeição cristã era tão visível, que o seu Bispo se alegrava e todos os colegas o admiravam. Espelhavam-se nele e se gloriavam de terem sido seus discípulos.

Em 1864, Pio IX com a publicação do “síllabo” condenara o Liberalismo em todas as suas expressões. Quatro anos depois, convocava o Concílio Vaticano para o dia 08 de dezembro de 1869, convidando todos os bispos do mundo a tomar parte nele, e o inaugurava no dia da Imaculada Conceição de Maria Santíssima. Roma viu um espetáculo imponente: Cardeais, Bispos, Prelados e

Abades, em número de mais de setecentos, reunidos na Basílica de São Pedro. Pio IX em pessoa presidiu as sessões públicas. Na quarta sessão foi definida e proclamada, com a Bula “Pastor Aeternus”, a infalibilidade pontifícia.

O nosso Fundador teve a consolação de acompanhar, como secretário, a Dom Sávio e de assistir ao imponente cortejo dos Bispos nas solenes demonstrações dadas ao Romano Pontífice naqueles dias. É oportuno citar aqui aquilo que a este respeito escreveu Dom Ronco: Dom Carlos Sávio, observando-o retirado, assíduo nos estudos eclesiásticos, prudente no desempenho dos negócios, zelosíssimo em guardar segredo, bem educado e sempre dócil, levou-o consigo a Roma durante o Concílio Vaticano, dando-lhe prova da mais alta confiança”.

Estiveram hospedados no Palácio Apostólico do Quirinale, juntamente com o Cardeal Pecci, Arcebispo de Perúgia e futuro Papa Leão XIII, muito estimado pela sua doutrina e tido em conta de oráculo por todos aqueles venerandos prelados. Foi em tal circunstância que o futuro Leão XIII conheceu o Marelo e criou a seus respeito aquela alta estima que mais tarde havia de manifestar em audiência concedida ao Cônego Peloso, secretário de Dom Marelo em Acqui, com estas palavras: “Tendes um Bispo que é um tesouro!”.

Na breve estadia em Roma, nosso Fundador aproveitou para visitar os monumentos que testemunham a fé de tantos mártires, a virtude de tantos heróis do cristianismo, a magnificência de tantos pontífices. À sua vista enchia-se de admiração e comoção, crescia na fé e no amor. Foi tão grande a impressão trazida da cidade eterna que, sempre que a ela se referia, era com arrebatamento de admiração e com tal conhecimento, que parecia ter-se tornado cidadão romano.

Nossa vida é um misto de alegrias e tristezas, de rosas e espinhos, de sorrisos e lágrimas. Tribulações e penas, que a ninguém faltam, são maiores naqueles que o Senhor destina às obras sublimes da sua glória. Servem para purificá-los, desapegando-os das criaturas e unindo-os mais estreitamente a Deus. O nosso Pe. Marelo devia passar por uma prova muito dura. Tendo perdido a mãe quando ainda criança, tinha concentrado toda sua afeição e ternura ao pai, que lhe retribuía com igual afeto.

Ora, seu pai foi acometido em 1873 por grave doença, quando já estava com 65 anos. O filho foi chamado às pressas para São Martinho, à cabeceira do pai moribundo. Assistiu-o até o último respiro e prestou-lhe as últimas homenagens, acompanhando-o até o sepultamento. Com esta perda, ficou ferido nos afetos mais caros; mas da fé e da oração cobrou forças para conformar-se plenamente à vontade daquele Deus, que tudo dirige para o nosso bem.

Podia, agora, com toda razão repetir as palavras do profeta: “Meus entes queridos me deixaram. Somente vós, ó Senhor, sereis doravante a minha porção e a minha herança sobre a terra”(Sl 24).

No ano seguinte, 1874, foi elevado ao cargo de Chanceler da Cúria Episcopal. Rico de ciência canônica, soube defender as razões da Igreja; diligente no trabalho, desempenhou com prontidão os muitos encargos que lhe caíram nas mãos. Dois anos depois, isto é em 1876, foi Diretor Espiritual do Seminário Diocesano, onde com o exemplo e a palavra contribuiu não pouco para despertar entre os seminaristas o espírito de piedade.

Foi nessa época que sentiu forte desejo de tornar-se religioso, e mais precisamente trapista. A um tal passo o determinava não a morte do pai, mas unicamente o desejo de dar-se totalmente a Deus. Ele é o centro do nosso coração, o fim das nossas esperanças, o único que nos pode satisfazer. Ora, quanto mais buscamos a Ele,

tanto mais somos atraídos por meio da contemplação, à qual são de grande ajuda a solidão e o silêncio. Aqui, longe do barulho do mundo e dos cuidados terrenos, bem como das solicitações exteriores, a alma pode precipitar-se no seu Deus e saborear as primícias daquela paz que um dia formará toda a sua felicidade. Onde com razão São Bernardo exclamava: “Ó solidão, única felicidade!”.

Antes porém de tomar qualquer decisão, quis aconselhar-se com Dom Sávio, seu amado Diretor Espiritual, que o dissuadiu dizendo-lhe: “Parece-me que Deus queira do senhor alguma obra no mundo”.

O bom Pe. Marelo, sempre muito desapegado de sua vontade e cheio de veneração pelo seu Bispo, consentiu em permanecer no mundo.

Esforçava-se para progredir cada vez mais em todas aquelas virtudes que devem ser o ornamento de um santo sacerdote. Por isso, cresceu em tal estima diante de Dom Sávio, que este o escolheu como seu confessor e diretor espiritual, parecendo-lhe que em nenhum outro pudesse encontrar aquela direção tão sábia e os confortos de que necessitava nas especiais circunstâncias em que se encontrava. Todavia, o pensamento da “Trappa” sempre voltava à mente do Marelo; motivo porque voltou um dia a pedir a Dom Sávio que lhe desse permissão de voar ao que julgava ser o caro ninho da sua alma. Também desta vez Dom Sávio fez-lhe entender que a vontade de Deus o chamava a fazer no mundo alguma coisa para a glória de Deus e a salvação das almas.

Como o Marelo insistisse dizendo: “Se o Senhor me chamasse mesmo para cumprir algum desígnio seu, já mo teria revelado”, Dom Sávio respondeu: “Não chegou ainda o seu tempo. Continue rezando e verá que o Senhor não tardará a lhe mostrar seus planos”.

E o servo de Deus, outra coisa não desejando senão cumprir a vontade de Deus, mesmo com sacrifício de sua inclinação natural, foi insistindo com fervor na oração, repetindo com São Paulo: "Senhor, o que quereis que eu faça?" e com Samuel: "Falai, Senhor, que o vosso servo escuta!".

CAPÍTULO III

(1877 - 1879)

- Idéia do Marelllo de fundar uma Congregação
- Consulta a respeitáveis e piedosos eclesiásticos
- Primeiros Irmãos e a Congregação no Michelério
- Pobreza extrema dos primeiros tempos
- Instruções sobre São José e outros ensinamentos
- Ocupações dos Irmãos
- Primeira vestição do hábito religioso

O Senhor foi preparando o seu servo fiel, até encontrá-lo pronto para realizar a obra à qual o destinava. O Marelllo era sacerdote há dez anos, quando finalmente o Senhor se dignou revelar-lhe o seu plano, inspirando-lhe a idéia de fundar uma Congregação religiosa: seus membros deveriam ter por fim principal a honra de São José, imitando suas virtudes e procurando conformar a própria vida com a vida deste grande Patriarca, que foi sempre pobre, humilde e escondida.

E por isso a Congregação deveria chamar-se "CONGREGAÇÃO DOS OBLATOS DE SÃO JOSÉ". Esta idéia acerca da finalidade da Congregação, nosso Fundador teve bem clara desde o princípio e sobre isso sempre insistiu até o fim de sua vida. Mas em quais determinados ministérios dever-se-iam ocupar seus filhos, ele não teve logo do Senhor uma clara manifestação.

A princípio pareceu-lhe que os Oblatos deviam ocupar-se com o catecismo em ajuda aos Párcos e dedicar-se às orações e ao decoro da casa de Deus, onde habita sacramentalmente aquele Jesus tão querido a São José. Manifestou, então, esta inspiração a Dom Sávio, seu bispo, que a aprovou perfeitamente e o exortou a ir para Turim consultar homens com fama de iluminados nos caminhos de Deus: o Pe. Carpignano, da Congregação do Oratório, e o Pe. Anglésio, Superior da Pequena Casa da Divina Providência.

Todos aprovaram a idéia do Marelllo e especialmente o Pe. Anglésio o encorajou, dizendo parecer-lhe que a coisa vinha de Deus.

Visto que o Pe. Anglésio se mostrava tão favorável, o nosso Fundador lhe pediu que cedesse um irmão de São Vicente para servir de pedra fundamental à nova Congregação.

O senhor da Pequena Casa respondeu, então, com muito bom senso: “O homem de que a sua Congregação precisa, eu não tenho; mas se o tivesse também, não lho cederia, porque toda Congregação que Deus suscita em sua Igreja deve ter um espírito todo seu próprio”.

Confortado pelo juízo favorável de tantas pessoas sábias e doudas, e bem persuadido da vontade de Deus, o Marelló se pôs a pedir ao Senhor para mandar-lhe operários que se encaixassem na ordem de suas intenções.

Tinha saído naqueles dias do Seminário Diocesano um certo Jorge Médico, de Castel d’ Annone, na idade de vinte e três anos. Dom Marelló lhe escreveu, convidando-o para apresentar-se na Cúria Diocesana, que tinha coisas importantes a comunicar-lhe.

Jorge Médico apareceu, de fato, mas mostrou certa repugnância à idéia de entrar numa Congregação nova. Ainda mais que, no entanto, ele recebia resposta favorável dos Lazaristas, que estavam pregando uma missão popular em sua aldeia natal. Apesar disso, o nosso Fundador insistiu com o bom Jorge para que a menos experimentasse por algum tempo. A tal pedido este não pode resistir, e a 14 de março do ano de 1878, com outros três companheiros, foi acolhido pelo nosso Pai. A pequena família foi alojada em uma sala pobremente equipada, que ele alugou da Obra Pia Michelério.

A nossa Congregação foi fundada em extrema pobreza. Um único cômodo servia de estudo, oficina e refeitório; um pobre guarda-roupa com duas cortinas, formando uma espécie de parede, dividia em dois o pequeno espaço. Uma parte devia servir como sala de espera onde receber os externos; e a outra, para todos os usos já ditos. A mesa também era pobre como todo o resto e não tinha toalhas nem guardanapos; um único avental de fazenda crua servia,

conforme a necessidade, de secador e guardanapo comum. Os pratos eram de louça de barro envernizada de preto, como costumavam usar as famílias mais pobres do campo.

Um só quadro de São José, sem moldura, adornava as paredes da sala. Até mesmo as imagens dos Santos deviam se reduzir a uma só: o Fundador valia-se, a propósito, do exemplo de São Francisco de Sales, que conservava somente uma imagem de São José no seu Breviário. Quanto ao hábito, usavam um uniforme de lã preta, com gravata branca em lugar de colarinho. O barrete era parecido com o que ainda costumavam usar os camareiros das famílias nobres. Este hábito era invenção de Pe. Asso, vice-diretor do Michelério, e causava não pouca admiração e até ridículo. Os fradinhos (como os batizara o Côn. Cerutti, Diretor do Michelério), cada vez que saíam a passeio, faziam verdadeiro ato de humildade... A jornada era assim dividida: ouviam diariamente a Santa Missa e recebiam a Sagrada Comunhão; recitavam em coro o Ofício de Nossa Senhora; e por muitos meses tiveram todos os dias uma meditação ou instrução do Fundador, que introduzia aqueles bons irmãos na vida e nas virtudes de São José, exortando-os a imitá-lo.

É impossível narrar aqui, ainda que resumidamente, tudo aquilo que o nosso Fundador ensinava a seus filhos nas meditações e instruções particulares. Nessas ocasiões, comunicava-lhes o seu espírito e aquilo que em longos anos de meditações aprendera nas obras de São Francisco de Sales, que lia com assiduidade e amor. Sobretudo, tratava com eles da vida interior de São José.

“O recolhimento deste Santo, dizia ele, produz na alma uma paz inalterável e uma tal tranqüilidade, que reduz todas as suas potências à calma mais perfeita. São José nunca esteve abatido pela

tristeza ou desanimado pela fadiga, nem entusiasmado por alegria desmedida...”

O nosso Pai era, pois, exemplo vivo de quanto ia inculcando aos nossos. De fato, havia adquirido uma tal igualdade de espírito, que nos dezessete anos vividos em nossa companhia, jamais se mostrou muito abatido nas contrariedade ou muito alegre na prosperidade, mas sempre igual a si mesmo, afável e bondoso com todos. Refletindo sobre São José, amava sobretudo instruir os seus filhos sobre a vida escondida desse grande Santo, na companhia de Jesus. “Nisto, repetia sempre, se encerram todos os méritos e as grandezas de São José. Nisto a Igreja o propõe como modelo a todos os fiéis, mas especialmente às almas devotas. São José e Maria se encontram sozinhos no presépio de Belém; vivem muitos anos desconhecidos no Egito e depois escondidos em Nazaré... A ida de São José é uma contínua solidão: por isso, mesmo depois de morto permanece escondido, enquanto Deus dispôs que somente depois de quinze séculos se prestasse à sua pessoa um culto solene... Estejamos, portanto, com santo fervor, escondidos também nós dos homens, mas sob o olhar de Deus; desconhecidos dos homens, mas queridos e amados por Deus...”

De início, aqueles bons irmãos pouco ou nada entendiam dos seus ensinamentos; aliás, alguns deles se cansaram de uma vida tão humilde e preferiram entrar no Seminário. Mas aqueles que perseveraram, pouco a pouco começaram a perceber sua beleza e a estimá-la mais que tudo que o mundo lhes poderia oferecer.

Para adquirir o recolhimento e progredir na virtude, recomendava por demais o silêncio, dando a conhecer como São José foi o Santo do silêncio. “Com efeito, no Santo Evangelho, a respeito dele se lê sobre as suas penas, se fala do seu conversar com os An-

jos, da sua justiça e castidade virginal. Os Evangelistas informa a sua prontidão em responder às ordens de Deus, as viagens e fadigas suportadas por Jesus, a sua fiel observância das leis divinas, o seu sofrimento na perda de Jesus e a pressa de encontrá-Lo; mas não relatam uma só palavra sua, embora fosse ele o chefe da Sagrada Família e gozasse da autoridade de pai. A única palavra tida no Evangelho com dita por Ele, é o nome adorável de Jesus que devia dar ao Santo Menino; palavra vinda do céu”.

O nosso Pai, ao falar sobre essas virtudes de São José, inflamava-se no semblante e comovia-se todo de santo entusiasmo, procurando inculcar os mesmos sentimentos também nos corações daqueles seus filhos.

Não satisfeito ainda de apenas recomendar o silêncio, queria-o perfeitamente observado. Tinha estabelecido na casa dois tipos de silêncio. O primeiro, chamado “grande silêncio”, começava com o sinal para as orações da noite e durava até o sinal para o café da manhã. Consistia em abster-se de toda palavra não indispensável e, em caso de necessidade, devia-se falar a meia voz e bem rapidamente. O segundo era observado nas outras horas do dia, exceto nos recreios, e consistia em obster-se de falar quando não houvesse utilidade. Compendiava, assim, os seus ensinamentos de perfeição religiosa nestas máximas: “Sede cartuxos em casa e apóstolos fora de casa”; “Como São José, vivamos cada dia segundo as disposições da Providência, fazendo tudo o que ela sugerir”...

Além das instruções do Fundador, nossos irmãos tinham quase diariamente uma lição de catecismo com o teólogo Garetti, professor no Seminário Diocesano. O tempo que restava das práti-

cas de piedade empregavam-no em trabalhos: uns na alfaiataria, outros na confecção de terços ou na manutenção da casa.

Na festa de São José de 1879, os irmãos tiveram a consolação de vestir o hábito religioso, cuja forma fora concebida pelo nosso pai depois de uma peregrinação ao túmulo do Santo Cura D'Arns. Consistia em uma sotaina negra sem botões, bem larga, presa nos lados com uma faixa pendente em duas partes pelo lado esquerdo; tinha ainda um colarinho branco com gola preta e um solidéu que cobria a cabeça. O capelo e o sobretudo para as saídas eram semelhantes aos usados pelos sacerdotes seculares.

Até 1901, na cerimônia de vestição os Irmãos mudavam o nome de batismo por outro de religião; em seguida, para evitar inconvenientes, mantiveram aquele de família.

CAPÍTULO IV

(1879 - 1881)

- Santuário de N. Sra. do Vallone e casa anexa

- Doença de Dom Sávio e sua santa morte
- Dor do Marelo por tão grande perda
- Fatos edificantes, concernentes Dom Sávio
- Mudança do Marelo para o Seminário Diocesano

A pequena Congregação dos Oblatos vivia com muita paz. Quem mais se alegrava com isso era Dom Sávio: ele não cessava de admirar a Divina Providência que, em meio a tanta penúria de clero, tinha suscitado uma Congregação ocupada no auxílio aos Párcos.

Nesse meio tempo, para demonstrar a alta estima que tinham pelo nosso Fundador e para agradar a Dom Sávio, os Cônegos da Catedral nomearam o Marelo “Cônego Honorário”. Por sua vez os fradinhos - como então eram por todos chamados os nossos primeiros irmãos - eram por todos admirados, especialmente pelo espírito de piedade e oração de que estavam animados.

Pelos idos de 1880, foi confiada ao Côn. Marelo a direção espiritual do “Retiro Feminino Milliavacca”, que ele conservou até a sua partida para Acqui; e é preciso dizer que nele fez reinar “a sólida piedade, a obediência, a paz, a verdadeira ordem cristã”, como teve de atestar Dom Ronco.

No mesmo ano, ele pensou em resgatar e embelezar o pequeno Santuário de Nossa Senhora das Mercês, onde ele tinha celebrado uma de suas primeiras missas, conforme já dissemos.

Entre as colinas que dividem o território de São Martinho Alfieri e Antignano, justo onde se encontram os povoados ditos “dos Perosini” e “dos Saracchi”, está em vale que, começando na planície do

Tánaro, vai paulatinamente restringindo-se. Onde o vale se fecha, no meio da colina surge o Santuário de Nossa Senhora das Mercês, também chamado “del vallone” (literalmente, do valão: vale estreito e fundo), em lugar muito lindo entre os vinhedos. Dista cerca de quatro quilômetros de Antignano e está quase no centro dos povoados dos Perosini, Gonella e Saràchi.

A construção da Capela data de 1770, como aparece numa inscrição da mesma. O Côn. Marellò construiu ali uma casa, que ainda tiveram sempre grande veneração pela sua Celeste Padroeira e ainda hoje para ali acorrem, especialmente no dia da festa, a implorar sua proteção. De fato, o pequeno Santuário é adornado de quadros votivos e corações de prata, testemunhos de reconhecimento à bondade de Maria. Ao cair da tarde, o som do pequeno sino, repercutindo pelas colinas e no vale abaixo, sobe mesto e suave ao coração dos fiéis e os convida a saudar Aquela que entre eles assentou o trono das suas misericórdias.

Enquanto se processavam os trabalhos de que falamos, Dom Sávio adoeceu gravemente e precisou submeter-se a uma dolorosíssima cirurgia. Quem pode imaginar quanto sofreu o bom Secretário, achando-se prestes a perder seu Bispo a quem amava como pai? Dispensou-lhe todas as atenções, prestou-lhe a assistência mais amorosa, mas foi tudo em vão.

Ele mesmo teve de dar-lhe a triste notícia da iminência da morte, e predispo-lo para o grande passo da eternidade.

Dom Sávio recebeu a notícia com perfeita resignação. Confessou-se ainda uma vez com o seu Secretário e dispôs-se a receber o santo Viático. Quando se viu circundado de todos os Cônegos da Catedral, vindos para acompanhar o Ssmo. Sacramento e para ver pela última vez aquele a quem tanto amavam, fez questão de dirigir-lhes palavras de vida e de conforto para todos: “Quero provar a

mim mesmo - disse ele - se, depois de ter passado boa parte de minha vida a preparar outros para os exames, agora sei fazer eu mesmo um exame bem mais importante, exame que deverei talvez repetir em breve, como espírito desencarnado, perante o Redentor que agora se digna visitar-me em meu leito de dores.

Vim para Asti com o único intento de fazer o bem a todos e em todas as formas, e se às vezes não me bastaram as forças, asseguro-vos porém que nunca me faltou boa vontade. Não temo a morte, já que o bom pastor não se amedronta jamais e, antes, deve estar sempre preparado. Vem, meu bom Jesus; vem, Senhor Jesus”.

Suportou com admirável paciência as dores da doença e dos curativos a que foi submetido. Por fim, pediu a Extrema Unção, acompanhado ele mesmo as preces dos moribundos e, na idade de setenta anos e nove dias, pelas quinze horas e trinta minutos do dia primeiro de julho de 1881, expirou placidamente.

A notícia de sua morte, já nem tanto inesperada, se espalhou rapidamente. Imenso foi o pesar, porque todos louvavam sua vida não menos que sua morte. O corpo esteve por algumas horas exposto no Paço Episcopal, para que o povo pudesse dar-lhe o último adeus. Seu semblante era calmo e sereno; aliás, tinha reassumido aquele aspecto jovial que tanto maravilhou em sua vida. Uma das mãos segurava ainda sobre o peito o Crucifixo; a outra pendia em doce abandono.

Milhares e milhares de Astigianos revezaram-se na sala do Bispado para rezar, beijar o Crucifixo e, pela última vez, a mão do seu Pastor. O sepultamento foi tal como convinha a um santo homem: em meio a grande multidão de povo foi transportado primeiro para a Catedral e dali ao Cemitério, onde a Aquiconfraria da Ssma. Trindade quis acolhê-lo na Capela de sua propriedade. Passaram-se al-

guns dias em trabalhos preparatórios, antes que sobre ele fosse lançada a tumba, mas todo o dia um bom número de fiéis, piedosas confrarias e especialmente os seus Clérigos ali se achegavam para sufragar-lhe a alma com piedade e comoção realmente extraordinárias.

Nosso Fundador acompanhou o corpo sempre chorando e, quando chegou a hora de baixar o féretro no sepulcro, beijou muitas vezes o caixão, banhando-o com suas lágrimas para grande comoção dos presentes.

A Congregação estimará Dom Carlos Sávio e o terá sempre como seu benfeitor insigne porque, além de ter sido guia e mestre espiritual do nosso Fundador, morrendo quis deixar-lhe todo seu patrimônio para ajudá-lo nas despesas do Instituto nascente.

Nosso pai falava muito nele e sempre com grande veneração, relatando inclusive graciosas anedotas edificantes. Eis algumas dentre tantas, que nos demonstram o espírito de caridade, humildade e oração de Dom Sávio.

Dotado como era de grande eloquência, antes de ser Bispo era solicitado como pregador por muitos párocos e diretores de Institutos de Turim, que admiravam nele o divino zelo com que expunha a palavra de Deus. Ele, sem ao menos conferir a oferta que lhe davam em tais ocasiões, chegando em casa metia-a dentro de uma caixa. No fim do ano, levava tudo ao Superior da Pequena Casa da Divina Providência. A propósito, deve-se acrescentar que, de quanto podia ter, tudo distribuía aos pobres com grande generosidade. Tanto que, ao ser nomeado Bispo, precisou recorrer ao Regio Economa-

to com pedido de antecipação das rendas do Bispado para as primeiras despesas necessárias.

Contava também uma pequena história acontecida em Roma, no Vaticano, na galeria das cartas geográficas. Esta galeria tem seiscentos passos de comprimento e é tão rica em mapas, que o visitante italiano pode localizar ali reproduzida não só a sua região, mas estudar a topografia das cidades, dos vilarejos e até dos povoados menores.

Tinham apenas entrado ali Dom Sávio e um Bispo espanhol de alta estatura e aparência robusta, quando do outro lado apareceu o venerado semblante do Papa Pio IX, o qual, com a costumeira argúcia exclamou: “Olha aqui um Bispo e meio!” E realmente Dom Sávio, bem proporcionado na pessoa, mas de baixa estatura, podia àquela distância parecer um coroinha perto do prelado estrangeiro.

O próprio Dom Sávio narrava este fato com grande prazer, quase a dar a entender que aquele motejo não se restringia à sua estatura: coisa, naturalmente, que nunca passou pela cabeça de ninguém, pois todos sabiam quanto o Sumo Pontífice o estimava e queria.

Eis, finalmente, um pequeno caso a propósito do espírito de oração que animava Dom Sávio.

Durante a última doença, o bom Bispo mantinha habitualmente os olhos fechados, mas notava-se nele um movimento contínuo dos lábios, acompanhado de profundos suspiros e de um murmúrio quase imperceptível. Tendo quem o servia aproximado dele várias vezes o ouvido, pode certificar-se de que ele estava recitando Salmos, especialmente o Salmo 118: “Bem-aventurados os que são puros”, como se se apressasse para terminar o Ofício Divino antes de morrer.

Após a morte de Dom Sávio, nosso pai permaneceu ainda por alguns meses no bispado; depois instalou-se nas dependências do Seminário, onde era Diretor Espiritual dos Clérigos.

(1881 - 1883)

- Dom Ronco, novo Bispo de Asti
- O Côn. Marelló e o Memorial sobre a Congregação
- Desejo de alguns Oblatos de atender aos estudos
- Dificuldades por parte do Côn. Cerutti
- Padre Cortona entra para a Congregação

Tendo ficado sem Bispo, os bons fiéis da Diocese de Asti rogavam fervorosamente a Deus que lhes mandasse um digno Pastor e dirigi-los em tempos tão calamitosos.

Os nosso Irmãos, que mais do que ninguém precisavam de um Bispo que os auxiliasse nas difíceis condições dos inícios, redobravam as orações. E o nosso Pai, como se pressentisse as dificuldades que estavam para vir, não cessava de exortá-los a confiar grandemente na ajuda de São José.

Quando souberam que o novo Bispo se chamava José, ficaram animados, esperando que ele fosse ter um cuidado particular por uma Congregação que se intitulava ao Santo do seu nome.

E foi realmente assim, como a seu tempo veremos.

Dom José Ronco passou a infância em Leyni, aldeia da Arquidiocese de Turim. serviu, depois, como vigário na paróquia de Santa Maria Madalena em Villafranca Piemonte, e foi sagrado Bispo de Asti pelo Cardeal Alimonda a 20 de novembro de 1881.

Era de caráter áspero e, com perdão da palavra, um tanto bruto nos seus tratos. Isto muito contrastava com a dignidade episcopal, e muitas vezes o tornava pouco grato a quem dele se aproximava.

CAPÍTULO V

Era, porém, de espírito íntegro, de consciência delicada que temia mesmo a sombra do mal, de coração bom e generoso sob aparência ásperas e rudes. Não sem razão afirmava-se dele que vinha para Asti cheio de prevenções contra seu Clero. Com o tempo, porém, aprendeu a realidade das coisas e viu que o Clero era consciente de sua alta missão, digno de encômio e a ponto de formar para ele motivo de alegria. Embora de índole completamente diversa de Dom Sávio, seu predecessor, foi apesar de tudo nosso insigne benfeitor, como o demonstrarão estas Memórias.

Mas antes disso, a Congregação por disposição de Deus devia estar exposta a muitas provas.

Depois que Dom Ronco tomou posse da Diocese, o Côn. Marelló escreveu um Memorial em que dava notícias dos Oblatos: sua finalidade, seu número e tudo aquilo que podia interessar ao Bispo, e lho entregou, pedindo que o lesse.

Passadas umas poucas semanas, nosso Fundador se apresentou novamente ao Bispo, com muita modéstia, perguntando pelo seu parecer. Dom Ronco o recebeu com indiferença e assim lhe respondeu: “Seu Memorial se encontra ainda sobre a escrivaninha, exatamente onde o deixei, e não o li; se quiser, lho devolvo”...

Nosso pai conheceu logo o homem com que devia tratar; aceitou a restituição do seu manuscrito, fechou-o numa gaveta e abandonou-se nas mãos de Deus. Para não dar aos Irmãos motivo de desânimo, conservou sempre rigoroso silêncio sobre o acontecido e só mais tarde o confiou a um Sacerdote da Congregação.

O Cabido da Catedral já tinha dado um sinal de estima que nutria pelo Marelló, nomeando-o Cônego Honorário. Em abril de 1882 elegeu-o Cônego efetivo e em seguida Arquidiácono, segunda dignidade capitular, com Bula de 15 de dezembro de 1886.

Todos somos sabedores de que, pela primeira inspiração de nosso Fundador, o ministério em que os Irmãos deviam imitar a São José devia consistir em atender aos trabalhos manuais, dar catecismo em auxílio aos párocos e procurar o decoro da casa de Deus como bons sacristãos. Mas, com o passar do tempo, começava a vir-lhe um outro pensamento: não seria um bem maior se aplicassem também aos estudos, de modo a animar outros a entrar na Congregação? Isto foi objeto das mais fervorosas preces do nosso Fundador, até não se sentir interiormente assegurado.

Um grande obstáculo, porém, vinha da parte do Cônego penitenciário Cerutti. Ele era o Diretor e quase Fundador da Obra Michelério, tendo-a tomada em seus inícios e dado-lhe um grande incremento, mesmo conservando-lhe o nome da Benfeitora. Defendia os interesses desta obra, à qual devotava inteiramente a sua vida e todas as suas fadigas. E ainda mais: o bom Cônego estava convencido de que os Fradinhos tivessem sido instituídos unicamente para o desenvolvimento da Obra. Temia por isso que, estudando, não mais atendessem às tarefas tão louavelmente até aí executadas em prol da sua Casa. Com efeito, todos eles ocupavam-se na limpeza dos locais, na assistência aos jovens operários e nas oficinas, e como se não bastasse, nosso pai ainda pagava regularmente a pensão por eles. Não admira mesmo, pois, que o Côn. Cerutti tivesse reservado a si a admissão dos aspirantes à Congregação: quando se apresentava alguém para ser aceito, ele o bombardeava com perguntas, sondando-o especialmente quanto à intenção de ser padre. Os Irmãos que tanto desejavam novos companheiros, antes que os novatos se apresentassem ao Cerutti, instruam-nos sobre o que deviam responder: que ali ingressavam para fazer a vontade de Deus...

O Cônego, porém, não se contentava com meia resposta e fazia muitas perguntas, até confessarem que realmente desejavam tornar-se sacerdotes. Então respondia sem mais: “Para isso há o Seminário. Esta casa não é feita para você!”. Nosso Fundador, de índole calma e paciente, sabia de tudo e suportava em paz, abandonado somente em Deus que, na hora certa, haveria de dar um jeito.

Como de uma semente lançada à terra desponta uma plantinha que a pouco e pouco se robustece ao calor do sol, até tornar-se uma árvore vigorosa; assim a Congregação, composta de poucos Irmãos nos seus inícios, prosperava com a benção de Deus e acolhia em seu seio outros Irmãos, cheios de santo fervor e de boa vontade de em tudo imitar São José.

Entre eles, tenho a graça de incluir-me a mim mesmo, chamado que fui por Deus à Congregação de modo singular. Desde muito jovem senti uma forte inclinação para o estado sacerdotal. Mas não podendo, por carência de meios, realizar o meu desejo, roguei fervorosamente à “Virgem da Creta”, muito venerada no seu Santuário de Castellazzo Bórmida, que me alcançasse a tão suspirada graça. E a graça chegou.

Eu estava, em 1875, assistindo as Festas do Centenário de S. Paulo da Cruz em Castellazzo. O Cônego Cerutti, que lá se encontrava pela mesma razão, vendo-me uma tarde a rezar com tanto fervor no coro da Igreja de Santa Maria, aproximou-se e, depois de várias perguntas, compreendeu que há muito eu queria estudar para ser padre. O Cônego, então, me propôs vir para Asti, que ele assecundaria os meus desejos. Fora de mim pela alegria de uma tal proposta tão improvisa, pedi-lhe tempo para dar uma resposta decisiva e depois encorajado por pessoas sábias, aceitei e vim para Asti na Obra Pia Michelério. Aí chegando, o Diretor me empregou como

porteiro da Casa, sem nem lembrar ao menos o fim porque me havia chamado.

No entanto, eu ia estudando latim por minha conta, não sem grandes fadigas, esperando dia após dia que me fosse indicado um professor; mas... nada!

Em 1876 fui convocado para o serviço militar e destinado ao quartel de Ancona como artilheiro. Nos três anos de vida militar, prossegui os estudos sob a guia de um ex-Padre Franciscano, já leitor de Filosofia, exclaustrado por causa das infaustas leis de 1866. No mesmo tempo tinha conhecido o Pároco da Misericórdia de Ancona e escolhido como meu confessor, tratando-se de um sacerdote de grande virtude. Com sábias palavras ele me animava e a perseverar no bom propósito, assegurando que cuidaria ele mesmo de fazer-me prosseguir os estudos.

Apenas fundada a nossa Congregação, o Cônego me avisou do fato e internamente senti-me chamado a abraça-la. Quando me deram baixa, recordando que o Côn. Cerutti não tinha ainda resolvido cumprir a promessa referente ao meus estudos, fiquei em dúvida se devia aceitar a proposta do Pároco de Ancona ou retornar à Obra Michelério. Em tal inerteza dirigi-me à Catedral de Ancona e, depois de rezar com grande afeto diante da prodigiosa Imagem da Rainha dos Santos, decidi-me a voltar para Asti, como de fato fiz naquele ano de 1878.

Várias peripécias depois, no dia da Imaculada Conceição daquele mesmo ano, tive a consolação de vestir o hábito eclesiástico e frequentar as aulas do Seminário Diocesano, mesmo continuando como Assistente dos jovens da Obra.

Inteiramente, eu sentia-me inclinado a abraçar a Congregação, mas sem demonstrá-lo para não parecer contrário aos planos do Penitenciarário, que me havia chamado e não admitia absolutamente que os

Fradinhos formassem uma Congregação, e menos ainda de sacerdotes. Eu era, porém, ligado de santa amizade com o Irmão Médico: sendo ele meu suplente na assistência, tinha frequente ocasião de aproximar-se de mim e falar-me da Congregação.

Enfim, a 18 de fevereiro de 1883, eu fui ordenado Sacerdote e logo pedi ao bom pai que me admitisse entre seus filhos. A aceitação se deu no mês de agosto daquele mesmo ano.

CAPÍTULO VI

(1883 - 1884)

- Novas dificuldades quanto aos estudos
- Mons. Bertagna, Vigário Geral de Asti
- Seu juízo sobre a Congregação
- Seus bons préstimos junto ao Bispo
- Divisão de interesses com o Michelério

Como dissemos, o nosso Fundador acabou se convencendo de que era vontade de Deus que os Irmãos atendessem também aos estudos eclesiásticos para futuramente se tornarem zelosos Sacerdotes: minha entrada na Congregação era disso em sinal evidente.

Mas novas dificuldades se ocuparam à execução deste desígnio: uma por parte do Bispo, outra por conta do Côn. Cerutti. O Senhor, porém, colocou ao lado do Bispo uma pessoa que foi nosso sustentáculo e nos ajudou a vencer todas as dificuldades; e esta pessoa foi Monsenhor João Batista Bertagna.

Sucedendo em 1860 ao Ven. Pe. Cafasso na direção das Conferências Morais no Colégio Eclesiástico São Francisco de Assis, em Turim, logo obteve a fama de profundo moralista. Adepto do probabilismo mais puro, expunha a doutrina de Santo Afonso em toda a sua beleza, ilustrando-a e tirando dela os exemplos práticos de que necessita o Sacerdote para o seu nobre ministério.

Por isso, parte do Clero turinense, ainda embebido de Jansenismo, o hostilizava acemente como mestre de Doutrinas demasiado lassas e conseguiu desprestigiá-lo diante do Arcebispo Dom Gastaldi, por sua vez ardente defensor das idéias rosminianas.

Assim, não obstante os protestos de zelosos Sacerdotes e Párocos da Diocese, Mons. Bertagna acabou sendo afastado do cargo. Resignado à vontade de Deus, retirou-se a Castelnuovo de Asti sua pátria, onde por dois anos (1876 a 1878) dedicou-se ao estudo, à piedade, ao recolhimento.

Em 1878 Dom Sávio, que nutria por ele grande estima, convidou-o para lecionar Teologia Moral em Asti, no seu Seminário. Ele aceitou o convite e desempenhou tão bem o seu ofício, que logo também em Asti adquiriu fama de doutíssimo mestre. Igual estima nutriu por ele também Dom Bosco, que aliás o quis seu coadjutor no governo da Diocese, nomeando-o Vigário Geral.

Mons. Bertagna exerceu o cargo até 1884, quando o Cardeal Alimonta, por sugestão de Dom Bosco e outros, chamou-o de volta para Turim como seu Bispo Auxiliar.

No período de sua permanência em Asti, Mons. Bertagna convivendo no Seminário com o Marelllo - teve oportunidade de conhecer suas qualidades e virtudes raras, assim como de ter uma idéia bem precisa da Congregação. Dela foi sempre um admirador ardente, tendo o costume de dizer: “Eu creio que ela está destinada a ser não só uma capela, mas uma grande catedral na Igreja”, querendo com isso exprimir o quanto, no seu entender, ela fosse adequada às necessidades dos tempos e o quanto devesse expandir. A ele, como Vigário Geral, recorreu-se para obter a tão suspirada licença de estudar. E ele respondeu: “Fazei um pedido por escrito, declarando bem as vossas intenções e deixai o resto por conta da gente. Espero obter o quanto desejais”.

O Cônego Marelllo consentiu de bom grado em redigir o pedido, recomendando a São José o bem êxito do mesmo.

Dom Ronco, graças à intervenção de seu Vigário Geral, acolheu favoravelmente o pedido, dizendo: “Se o Cônego Cerutti estiver de acordo, eu não tenho nada contra”. Aqui, o leitor recordará que o nosso pai tinha apresentado a Dom Ronco um memorial em que dava relação da Congregação; mas ele, não o tendo lido, tampouco sabia quem era o Fundador. Acreditava que fosse o Cônego Cerutti, pois via-o dispor livremente dos Irmãos, recebendo sua aceitação e mandando-os a seu bel prazer. Em tudo isso, é de se admirar a prudência e a humildade de nosso pai, tão adverso ao desejo de fazer figura e ganhar prestígio entre os homens.

Dom Ronco porém já tinha suas suspeitas de que o Cônego Marelllo fosse o verdadeiro Fundador da Congregação. Tanto que um dia, encontrando na Cúria o Irmão Jorge Médico em conversa com o nosso pai, que então era Chanceler, dirigiu-lhe esta pergunta: “Dize-me, quem é o teu Superior” É o Cônego Penitenciário ou o Cônego Marelllo? O Irmão Jorge por instantes pensativo; olhou para o Marelllo que estava cabisbaixo a espera de não sei que resposta, e depois modestamente respondeu: “Nosso primeiro Superior é Vossa Excelência, e depois o Cônego Marelllo”. “Muito bem - acrescentou o Bispo - eu bem desconfiava que devia ser ele...”.

A outra dificuldade, um pouco mais grave, nasceu das condições em que se encontravam os Irmãos na Obra Michelério: situação que a minha entrada na Congregação veio piorar. De fato, tão logo se soube que eu fora aceito como membro dela, começaram comentários maldosos, tanto a meu respeito como dos

Irmãos. Acusavam-nos de traição: a mim, por ter abandonado meu benfeitor, e aos Irmãos por me terem acolhido. E tudo isso, como se eu não tivesse ajudado suficientemente a Casa com o meu trabalho e minha assistência, e os Irmãos nada tivessem feito por ela.

A falsidade dos comentários era evidente, tanto mais que o nosso pai pagara sempre pensão para os Irmãos, mesmo quando eles trabalhavam nas oficinas, e o Cônego Penitenciário muitas vezes os tinha elogiado publicamente na Igreja, porque faziam prosperar a Obra e davam um lucro anual de cinco e seis mil liras...

Portanto, fazia-se necessário chegar a uma divisão de interesses e de habitação. Depois de muitas ponderações, ficou estabelecido que os Irmãos cuidariam eles mesmos do próprio sustento, e aqueles empregados nas várias atividades da Obra continuariam seu trabalho gratuitamente; a Obra, em compensação, renunciaria ao aluguel dos locais que eles usavam e lhes concederia uma sala maior, no térreo, a ser dividida em dois cômodos, de modo que pudesse servir de cozinha e de refeitório.

Foi o primeiro passo rumo à autonomia. Pelo trato, a Congregação podia dispor livremente, se não de todos, aos menos de uma parte dos Irmãos e encaminhá-los aos estudos; como também ficava livre para aceitar aspirantes, sem depender dos Superiores da Obra. Assim, na Quaresma de 1884, alguns Irmãos começaram o estudo do latim e outros, que já estavam preparados, deram início ao estudo da Sagrada Teologia.

CAPÍTULO VII

(1884 -1888)

- A Casa de Santa Chiara
- Escola noturna de Catecismo
- O Asilo dos Crônicos, da Fundação Cerrato, é transferido em Santa Chiara
- O Teatro é transformado em Igreja
- Parte dos Irmãos se mudam para Santa Chiara
- O Marelló vai morar com eles
- Proposta de união da nossa Família à Pequena Casa da Divina Providência do Cottolengo
- O Marelló é nomeado Bispo de Acqui

Antes mesmo que se resolvessem com a obra Pia Michelério, as dificuldades de que há pouco se falou, o Senhor já preparava uma Casa, que futuramente seria a Sede do nosso Instituto, e da qual deviam partir todas aquelas santas inspirações de zelo e caridade, que tanto benefício trariam à Diocese.

Na rua principal da Cidade, frente ao palácio onde nasceu o grande Alfieri, eleva-se um majestoso edifício que já foi convento das Monjas Clarissas, e que por isso ainda hoje conserva o nome de “Santa Chiara”. Ao lado deste, com vista para a atual Praça Humberto I, erguia-se a Igreja que as piedosas religiosas haviam dedicado à Mártir Santa Inês. Expulsas de seu santo retiro pelas turbulências políticas de 1866, todo o quarteirão caiu nas mãos de um

tal Porcelli, que derrubou a Igreja e construiu um teatro com intento de explorá-lo comercialmente.

Seu projeto, porém, não teve êxito, como costuma acontecer com aqueles que se apossam sacrilegamente dos bens da Igreja.

De fato, em pouco tempo o Porcelli abriu falência e tudo passou às mãos do Sr. Eugênio Guglielminetti, banqueiro da Cidade.

Este, sendo homem de princípios cristãos e sentindo repugnância em reter bens da Igreja, notificou à Autoridade Diocesana a intenção de vender todo o edifício pelo preço de cem mil liras.

O Côn. Marelllo, Mons. Bertagna e Mons. Sardi, na época Pároco da Catedral, viram neste fato a oportunidade para resgatar Santa Chiara, destinando-a a fins piedosos; por isso, munidos de um Rescrito de autorização da Santa Sé obtido por Dom Ronco, aos 14 de junho de 1883, efetuaram a compra.

Em novembro desse mesmo ano, tendo sido desocupado o Teatro, pensou-se em abrir ali uma escola noturna de Catecismo para jovens, especialmente operários. Assim, pôs-se mãos à obra para equipá-lo do necessário ao fim proposto.

Providenciou-me um grande Crucifixo, que foi colocado defronte da porta de entrada, e ao seu lado um quadro de São José (que agora está no Santuário do Vallone). E assim, na Quaresma de 1884, iniciaram as aulas de Catecismo. Foi tal o concurso dos jovens operários e estudantes que, não bastando à empresa os poucos Irmãos de que então se compunha a Congregação, vieram em sua ajuda o nosso pai, o Côn. Sardi da Catedral, o Pe. Gamba (Vice-Pároco da Catedral e depois Bispo de Novara), e o Pe. Risso (Prefeito de Sacristia na Catedral).

Que belo espetáculo, ver tantos jovens de seus vinte anos aprendendo com avidez as verdades da religião e juntos elevando suas

preces a Deus! Espetáculo ainda mais comovente foi a Comunhão Geral no fim da Quaresma, na qual tomaram parte mais de cem jovens muitos dos quais receberam a Jesus Sacramentado pela primeira vez.

Este foi o germe daquela obra de apostolado, ao qual o Instituto deveria de modo especial dedicar-se em seguida, com grande proveito e animação: obra tão estimada por Jesus, que ama aos pequeninos com ternura, e na qual um São Felipe Neri, um São José Calasânzio, um São João De La Salle, um Dom Bosco e muitos outros consumiram sua vida e energias...

Não satisfeito em promover o bem das almas com a fundação da Congregação, nosso Fundador pensou também nos esquecidos e abandonados pelo mundo: pensamento nobre e generoso, do qual só são capazes as grandes almas, inflamadas pela santa caridade de Cristo.

O Sr. João Cerrato tinha fundado em 1874 no bairro do Castelo um asilo para os pobres abandonados. Querendo após sua morte deixar a Obra em mãos seguras que lhe dessem continuidade e a fizessem prosperar, em 1882 transferiu-a por ato público de cessão aos Cônegos Marelllo e Sardi. Nosso pai sentia-se feliz em poder servir a Nosso Senhor Jesus Cristo nos pobrezinhos, mesmo prevendo os sacrifícios a que precisaria se sujeitar por causa disso; e, para que fossem atendidos adequadamente, chamou de Turim as Irmãs Vicentinas do Cottolengo.

Apenas liberados os primeiros locais de Santa Chiara, os doentes foram transferidos para lá. E assim a família dos pobres crônicos foi a primeira a se estabelecer na nova sede.

Nesse meio tempo, terminaram as obras de adaptação do teatro ao uso de Igreja; e lá, onde o reino do demônio tinha por algum tempo fundado sua sede, pode-se gravar as palavras do Salmista: “Bendirei ao Senhor em todo o tempo”. (Salmo 33,1)

No dia 04 de novembro do mesmo ano, uma parte da Congregação (porque alguns ficaram ainda na Obra Pia Michelério, trabalhando na assistência aos jovens) transferiu-se para Santa Chiara, nos locais contíguos à Igreja.

Não pensem que, por ter-se os Irmãos estabelecido em Santa Chiara, o Côn. Cerutti tenha deixado de querer-lhes bem: pelo contrário vinha sempre visitá-los e entretinha-se com eles em santa amizade, chamando-os pelo doce nome de “Fradinhos” e tendo para eles um grande afeto até à morte.

A Congregação, naquele tempo, compunha-se de um Sacerdote e mais doze membro, entre Irmãos e Noviços. Em Santa Chiara abriu-se logo um pequeno internato, com uns trinta alunos, sob a direção dos nossos, ajudados no começo pelo Revdo. Prof. Padre Quaglia de Antignano que, mesmo sendo cego, desempenhava com louvor o seu ofício.

No primeiro ano, estudavam no internato os nossos aspirantes, com os alunos da primeira série ginásial do Seminário Diocesano; nos anos seguintes, foram se juntando também outros aspirantes ao sacerdócio, vindos especialmente das Dioceses vizinhas, como Acqui e Alessandria.

Na Casa de Santa Chiara, os Irmãos puderam exercer um apostolado benéfico, seja nas celebrações da Igreja, onde todo dia festivo o Côn. Marelllo fazia a explicação do Evangelho ou outro tipo de sermão familiar, segundo as circunstâncias; seja no ensino do catecismo aos jovens, em todas as Paróquias da cidade, durante a

Quaresma e nas principais festas do ano; como também na educação e instrução dos adolescentes. O Senhor abençoava seu trabalho, tanto que - já no fim do primeiro ano - outros quatro jovens aspirantes tinham pedido para fazer parte da Congregação.

No entanto, tendo os inquilinos desocupados outros locais da Santa Chiara, os Irmãos insistiam para que o Fundador e pai, que ainda morava no Seminário, viesse residir definitivamente com eles. Ele também o desejava muito, mas temia com isso desagradar ao Bispo, animado pelo Côn. Sardi, falou a respeito com Dom Bosco, que o concedeu de bom grado. Assim, em outubro de 1885, mesmo continuando como Chanceler da Cúria, transferiu-se para Santa Chiara, para imensa alegria dos nossos. Tendo satisfeito dessa forma o seu desejo, pode dizer a si mesmo, com as palavras do Santo Jó: “Aqui serei olho para o cego, guia ao deserdado, pai dos pobres. Aqui morrerei circundado pela coroa dos meus filhos, que farão felizes meus últimos dias. Morrerei entre os meus muros”...

Em abril de 1887 o Marelllo foi nomeado Examinador Prosinodal, anuindo de boa vontade aos desejos do Bispo e demonstrando possuir vasta doutrina moral e reta avaliação dos candidatos. Não admira, por isso, que Dom Ronco tenha começado a estimá-lo e tenha feito dele, mais tarde, este belíssimo elogio: “Em cada ofício mostrou conhecer perfeitamente a importância de suas atribuições, as pessoas com quem tratar, as dificuldades a superar, a quantidade e qualidade de seus deveres a cumprir. No desempenho calmo e firme de cada uma de suas tarefas, soube percorrer sem dificuldades a senda do dever e ao mesmo tempo conservar a estima e o respeito de todos. É dotado de uma atividade singular pelo qual, sem mostrar afobamento ou perda de tempo, opera com muita

tranquilidade e sempre igual constância. Bom conhecedor do mundo, nunca se deixou enganar por espertalhões”.

O Pe. Bosso, sucessor do Pe. Anglésio na direção da Obra do Cottolengo de Turim, vinha constantemente visitar as Irmãs Vicentinas empregadas no Asilo Santa Chiara, e não cessava de admirar o grande incremento tanto da Congregação, a que muito amava, como do Asilo. De fato, sob a direção do Cônego Marello, tudo procedia com admirável ordem para satisfação geral.

Para prover às necessidades da Casa, o nosso Fundador já tinha gasto todo o patrimônio pessoal e toda a herança recebida de Dom Sávio e outros piedosos benfeitores. Onde, os concidadãos, que admiravam sua ilimitada caridade e o seu imenso desinteresse, o ajudaram de vários modos: às vezes lhe oferecendo somas consideráveis; outras vezes, firmando com ele contratos vitalícios proveitosos para o Instituto, reservando-se somente um pequeno juro anual. Por isso, não é de admirar que ele, com tais rendimentos, tenha conseguido em poucos anos extinguir todos os débitos da compra da Casa, e ainda fazer outros para reformar quase todos os locais da mesma.

O Pe. Bosso, constatando a exuberância de vida de todas as famílias que compunham Santa Chiara, desejava que a nossa Congregação se unisse àquela do Santo Cottolengo. Um dia convidou pois o Côn. Marello para ir a Turim presenciar a festa de São Vicente de Paulo; e depois de o ter tratado com muita gentileza, propôs-lhe a tão suspirada união, convidando-o a vestir o hábito religioso da Pequena Casa da Divina Providência.

O nosso pai, que de há muito conhecia as intenções dos Superiores da Pequena Casa, respondeu que se tratava de um pedido muito delicado e não sabia como Dom Ronco iria reagir a respeito.

Assim, ele se esquivou com polidez daquelas propostas um tanto insistentes; e, confiante como sempre na grande proteção de São José, continuou a fazer o bem possível, certo de que não faltaria nunca a ajuda oportuna do celeste Patrono.

A Congregação atingira já um decênio de vida e contava agora com quatro Sacerdotes e um discreto número de Irmãos e “Caríssimos” (como carinhosamente eram chamados os seminaristas menores). O nosso pai atendia com entusiasmo ao desempenho de seus ministérios, absorvido nas obras de caridade, piedade e zelo.

Eis o que afirmava dele Dom Ronco na Relação ao Vigário Capitular de Acqui: “Que ele seja dotado de verdadeira, sincera e profunda piedade bem o demonstra a aura edificantíssima que transpira de toda a sua pessoa; a compostura e a gravidade que mantém na Igreja como em todas as cerimônias sagradas; o zelo que emprega em promover a piedade nos outros com as muitas devoções que durante o ano por seu incentivo e sob sua direção se praticam na Igreja anexa ao Asilo de Caridade. Nada disso o impede de atender com eficaz operosidade à salvação das almas, pois que atende diariamente ao ministério das confissões na Catedral e na Igreja do Asilo, de manhã e de tarde, para comodidade dos penitentes. É um ótimo pregador: de sua própria vontade anuncia a Palavra de Deus na Igreja do Asilo, onde é ouvido com grande prazer não só pelos assistidos, como também por muitos que para lá acorrem”.

Ele procurava esconder estas suas virtudes sob a modéstia mais discreta e uma grande humildade. Mas a virtude nem sempre consegue ocultar-se dos homens; aliás, frequentemente, quanto mais circundada de modéstia, tanto mais se dá a conhecer: como a

flor, que mal se distingue entre a relva, mas revela sua presença, exalando em redor seu delicado perfume.

Na manhã de um dos últimos dias de novembro do ano de 1888, contrariando seu costume, O Côn. Marelo chegou em casa por volta das dez horas, bastante preocupado. Chamando os Sacerdotes, revelou-lhes que tinha chegado de Roma e sua nomeação à Bispo de Acqui. A notícia foi como um raio a espalhar-se por toda a casa, produzindo nos corações de todos um duplo sentimento, de alegria e tristeza: de alegria, pela alta honra a que o Papa elevava o nosso pai e Fundador; de tristeza, porque ele deveria abandonar-nos.

A primeira idéia que ocorreu ao novo Bispo foi a de escrever ao Santo Padre, para que aceitasse dispensá-lo de um peso tão grave e de tanta responsabilidade, alegando as muitas e boas razões que tinha. Não quis, porém, decidir nada na hora, mas foi aconselhar-se em Turim com o Cardeal Alimonda. Este ouviu carinhosamente as razões do Marelo, e depois lhe respondeu com paternal bondade: “O Santo Padre fica muito contristado, quando acontece que alguém destinado para o ofício de Bispo, obstina-se na recusa. Não lhe faça essa afronta; aceite de uma vez, tanto mais porque dificilmente o Papa aceitaria a sua renúncia”. Foi o suficiente para que o Marelo se aquietasse e escrevesse ao Papa que aceitava por obediência.

Alegra-nos encerrar este capítulo com as belíssimas palavras que dele escreveu Dom Ronco na ocasião:

“O Cônego Arquidiácono Pe. Marelo, é gema preciosa de sacerdote, com que o Santo Padre em nome de Deus quis presentear

a Igreja Acquiense. É uma benção que Asti perde e Acqui ganha. Sua vida é um incessante exercício de santas virtudes, de zelo pela glória de Deus e pela salvação das almas, de obras de misericórdia para com os necessitados. A mansidão de sua alma acompanha todo seu ato, fazendo pressentir a existência de mais nobres vitórias. E todo este tesouro está escondido sob o invólucro da mais discreta humildade: quem se rebaixa será exaltado”.

CAPÍTULO VIII

1889

- Dom Marelo parte para Roma
- Cartas por ele enviadas dessa cidade.
- Sua Sagração Episcopal
- Acolhida festiva ao seu regresso
- Presentes que lhe foram oferecidos na ocasião
- Primeiro pontifical

O Papa Leão XIII anunciou que a 11 de fevereiro de 1889 realizaria solene concistório, no qual proclamaria os novos Bispos, impondo-lhes o roquete. Era, portanto, necessário fazer rapidamente os preparativos para a ida a Roma. Os Irmãos alfaiates prepararam

com esmero as vestes episcopais e, aos primeiros dias de fevereiro, Dom Marelló seguiu para a Cidade Eterna, acompanhado do Pe. João Batista Tórchio, Arcipreste de São Martinho Alfieri. Se bem que os Irmãos desejassem segui-lo, deveram contentar-se de fazê-lo com orações e fervorosos votos de boa viagem e feliz retorno. Uma vez em Roma, escreveu logo uma carta aos nossos para dar notícias da viagem e das primeiras visitas às tumbas dos Santos Apóstolos e dos outros Santos, a fim de implorar a ajuda desse celestes Patronos. Ei-la em sua simplicidade e frescor original:

Roma, 05 de fevereiro de 1889.

“ A todos e a cada um dos leitores da presente carta, saudações no Senhor”.

Quantas coisas a dizer e todas elas boas! São José nos guardou na viagem e nos trouxe sãos e salvos à Cidade Eterna. Ontem, depois de dar um pouco de repouso e refeição ao corpo, fomos agradecer a Deus pela boa viagem e prestar primeiros tributos de peregrinos aos Príncipes da Cidade, aliás, do mundo: os Santos Apóstolos. Diante de seu túmulo comecei a ladainha das invocações para mim e meus entes queridos para continuá-las hoje, sobre a tumba de outros grandes Santos. Sobre a tumba de São Pancrácio, o mártir adolescente, que ardente beijo estampeí, também em nome dos adolescentes de nossa família! A ladainha não acabará tão cedo, pois os Santos, cujo patrocínio tenho de rogar, são nesta cidade às centenas; e além disso, tenho que manter a promessa feita. Faz pouco mais de vinte e quatro horas que aqui me encontro e já me parece um mês: tantas são as coisas que conheci e as pessoas que visitei, que

chegam a fazer violência ao meu pensamento para afastá-lo de Santa Chiara. Esta manhã, estivemos no Vaticano por algumas horas, resolvendo as questões relativas ao Concistório, visitando o Cerimoniário, pedindo a audiência com o Santo Padre, fazendo a profissão de Fé e prestando juramento, de viva voz e por escrito, na presença do Auditor Santíssimo, entrando em entendimento com o bispo de São Severino, a respeito da consagração, que será provavelmente, na Igreja de Santa Francisca Romana. Fizemos também uma visita ao Cardeal Piemontês, Orêglia, que nos acolheu com muita bondade. Por hoje chega, Se de minha parte, farei o possível para manter a promessa, faça-se o mesmo também da parte dos Irmãos. Deus por sua vez nos ajude e atenda em tudo. Renovo minhas saudações a todos os que servem a Deus no Asilo de Santa Chiara.

Assinado: José e seu companheiro de peregrinação”.

As diversas famílias de Santa Chiara responderam-lhe, comunicando as orações que faziam em sua intenção, exprimindo seus votos e sentimentos mais tenros de afeto e gratidão; e enfim, tudo quanto o coração lhes podia sugerir. E ele, com uma segunda carta, dirige a todos vivos agradecimentos e continua a descrever os lugares das suas santas visitas e, em especial modo, a audiência com o Santo Padre Leão XIII:

Roma, 09 de fevereiro de 1889.

Recebi vossas cartas, caríssimos irmãos em Cristo, e com a presente venho mais uma vez a vós! Valho-me de todo o tempo disponível para prosseguir a peregrinação às tumbas dos Santos. Nestes poucos dias, quantas audiências

afáveis já tive com muitos deles! É muito mais fácil apresentar-se aos Príncipes do Céu, que aos da terra; e enquanto devo esperar a permissão para ser recebido pelos dignitários da Igreja Militante e me contentar de ver de longe (ao menos por ora) o Papa e os Cardeais, vou com toda liberdade visitar São Pedro no Cárcere Mamertino, São Paulo na sua morada subterrânea, São Lourenço e Santo Estevão no seu repouso comum, São Felipe Neri no seu Oratório para as Missas demoradas, Santo Inácio na sua cela, São Leonardo de Porto Maurício no lugar de suas ásperas penitências, “os Santos que morreram novos, mas já ricos de méritos” nas celas em que habitaram (esta manhã estivemos na de São Luís, onde celebramos a Missa e depois nos detivemos por algumas horas), e Santa Catarina de Sena, Santa Francisca Romana, São Félix de Cantalício, os Santos Felipe e Tiago, São Leão e São Gregório Magno, etc... que o parágrafo já vai longe demais. Outro parágrafo igualmente longo merecia a função fúnebre de quinta-feira na Capela Sistina. O Santo Padre prestou assistência pontifical aos funerais de Pio IX, de venerável memória, com a intervenção dos Cardeais, Bispos, Príncipes Romanos e Dignitários de todas as ordens eclesiásticas e seculares. O canto afetava todas as fibras do coração e a voz do Papa Leão que invocava, bendizendo, o eterno descanso à alma do antecessor, parece-me ainda ouvi-la e provar uma comoção que não sei descrever.

10 de fevereiro, de manhã. Ontem à tarde, finalmente pude ver de perto o Santo Padre, beijar-lhe os pés, apertar a sua mão, conversar com ele das 17:30 h às 18:45h, e ouvir da boca dele (Vigário de Jesus Cristo) “palavras de vida”.

Circundando o Sucessor do Príncipe dos Apóstolos, formávamos uma coroa de sete designados à missão apostólica e, oh! quanta coragem infundia no coração a presença daquele Santo Velho! Que salutarens conselhos, que sábias normas de vida episcopal! Que inci-

tamentos à caridade, à mansidão, à constância de propósitos e sobretudo à prudência evangélica! Sobre este ponto, insisti bastante, comentando as palavras de São Gregório, que chama a essa virtude “a Abadessa de todas as demais”.; e o dito de um Pontífice, se entendi certo: “Se for santo, reze por nós; se for douto, ensine-nos; se for prudente, seja nosso pastor!”. Mas não me é possível nem mesmo acenar a tantas coisas ouvidas nesta memorável conferência, precedida de paternos encorajamentos a cada um em particular e terminada com a bênção apostólica para todos. Amanhã à tarde, estamos convidados para uma segunda conferência e pedirei novas bênçãos por todos os meus queridos e segundo as intenções de cada um deles.

Agora, muitos agradecimentos pelas orações com que me ajudaram nestes dias os meus queridos irmãos e todos os bons marotos de Santa Chiara. Os Santos de Roma lhes pagarão por mim. A perguntas particulares, respostas particulares. No que depender de mim, o Pe. Cortona ficará satisfeito com as suas comissões. A ele, pois incumbo: de saudar todas as Vicentinas e em particular a Madre, a quem dirá que todos os dias, à hora habitual, tenho a minha boa refeição de pão torrado; de retribuir afetuosas saudações ao nosso caríssimo Cura; de dar lembranças ao Côn. Cantino, ao Côn. Mussi, ao Pe. Vergano, ao Pe. Raimundo e outros Sacerdotes beneméritos de Santa Chiara; de dizer uma palavrinha especial ao Pe. Ferrero; de dar minhas notícias às Internas da Obra Millivacca e, por meio do Côn Cantino, às Irmãs de Caridade; de saudar, enfim, todos os que devem ser saudados ...

10 de fevereiro, à tarde. Fui almoçar com o Cardeal Oreglia e por isso não pude prolongar esta carta (que não obstante, já é longa o bastante); e, para expedi-la logo, devo deixar para outro dia

as respostas a cada um em particular. Padre Cortona ficará encarregado de dar resposta por mim e dirá a cada um dos escritores da carta comum que tenho guardadas no coração, bem no seu fundo! Suas afetuosas palavras (inclusive aquelas do Padre João) e todas as pequenas famílias por ele representadas.

Amanhã, todos estarão espiritualmente comigo aos pés do Santo Padre e a mesma benção descerá as suas cabeças e sobre a do Bispo de Acqui.

José de Santa Chiara.

Precedido por um curso de Exercícios Espirituais, no qual com grande fervor rogou do Espírito Santo os dons de sabedoria celeste, prudência, conselho e todos os demais carismas necessários para atender fielmente aos deveres de uma santo Pastor, no dia 17 de fevereiro de 1889, na Igreja da Imaculada Conceição dos Padres Capuchinhos, recebeu a Consagração Episcopal pelas mãos do Cardeal Rafael Mônaco La Valletta, Decano dos Cardeais, Penitenciário Maior da Basílica de São Pedro. Foram assistentes os Exmos. Sres. Arcebispos Dom Rocco Cócchia de Chieti e Dom Inácio Pérsico de Damiata.

Quem saberá descrever os ímpetos do seu coração, os íntimos colóquios da sua alma com Deus no solene instante de sua consagração? Só uma alma cheia do espírito de Deus os poderia sentir e exprimir. Naquele momento, dava-se de novo e totalmente ao Senhor para servi-lo no campo que lhe fora atribuído e confiava ao Divino Pastor o rebanho que do Céu lhe fora entregue.

No dia seguinte, escreveu uma terceira carta narrando as visitas de despedida aos vários Cardeais, uma nova audiência com o Santo Padre e as santas impressões trazidas:

Roma, 18 de fevereiro de 1889.

Ontem não consegui me juntar por carta aos meus diletísimos de Santa Chiara: mas, oh! quantas vezes me encontrei em meio de vocês em espírito! O dia se passou todo em júbilo inefável para o meu coração: a primeira parte com o Espírito Santo, a quem tantas coisas tinha para pedir e de quem recebi tantos favores; a segunda parte em ágape fraterna com os meus quatro companheiros de apóstolado, reunidos ao redor do mesmo Pai, que nos impôs as mãos e consagrou Bispos; a última parte aos pés do Vigário de Jesus Cristo para despedir-me e ouvir suas confortadoras palavras de adeus. O Senhor há de ter comunicado secretamente aos meus queridos Irmãos de São José as consolações que inundaram minha alma nesta memorável jornada.

Deverei gastar a semana toda em despedidas: ao Cardeal Oreglia, tão cortês para comigo; ao Cardeal Massaia, venerado Apóstolo da África, que nos deleitou com sua santa palavra por hora e meia e do qual pudemos admirar a caridade e simplicidade dignas de um grande Servo do Senhor; ao Cardeal Consagrante, também ele um santo homem, Penitenciário Maior por título e penitente por virtudes, aos Arcebispos que participaram na consagração, da Ordem dos Capuchinhos, ambos beneméritos da boa causa por terem sofrido perseguições e trabalhado demais em países longínquos; a todos os Cardeais, enfim, já que a todos a gente deve apresentar-se para fazer ato de obséquo.

Restam-me, ainda, não poucas visitas para fazer aos Dignitários do Céu, e economizarei tempo para fazer todas as que já de antemão estabeleci para o meu itinerário. As visitas a receber, as cartas a enviar, as várias incumbências a desempenhar, poderão ser-me de atraso na partida, mas - de qualquer forma - ao fim deste mês me encontrarei, se Deus quiser, em meio aos amigos. Enquanto isso, mando à minha frente os agradecimentos pelas muitas orações elevadas a Deus por tantas boas almas, nesses dias, em minha intenção. O Santo Padre se dignou assegurar-me sua ajuda nesta ação de graças, abençoando a todos com uma especial benção apostólica. Santo Velho! Como se consolava comigo dos afetuosos testemunho que eu recebia nas presentes circunstâncias - como se no seu peito provas-se os mesmos sentimentos de gratidão que comoviam o meu coração. Chega. A narrativa a viva voz dará matéria abundante para conversas nas horas de recreio.

Encarregarei, agora, os Sacerdotes de agradecer por mim aos Padres Rossetti, Vergano, Gamba e Ponzo, como também a bom Felicino, que tiveram a bondade de mandar-me ontem um grandioso telegrama. Recebam também eles, nesta carta, a expressão de minha gratidão pelo afeto que me demonstram. A todos que perguntaram por mim, uma cordial saudação.

À Madre Superiora, às Irmãs, às Postulantes, aos Irmãos grandes e pequenos, e a todos os alunos, aos estudantes de alta e baixa latini-dade, inclusive àqueles que ao latim ainda aspiram dos bancos das belas letras, a todos, enfim, inclusive aos meninos, uma benção especial, com toda a força da caridade que deve inflamar o coração de um Bispo novato. E de sua parte, continuem rezando por quem, tendo-se tornado pai de outra família numerosa, deve agora subscrever-se.

José, Bispo de Acqui.

Como cada um pode imaginar facilmente, Dom Marelló era aguardado em Asti com grande expectativa. Para os Irmãos, então, cada momento parecia uma eternidade, de tão grande que era o desejo de revê-lo. Fazia-se, entretanto, toda espécie de preparativos para uma acolhida à altura da nova dignidade com que fora revestido. Chegou num fim de dia, já tarde da noite, e foi logo cumprimentar Dom Ronco. Os Irmãos quiseram, não obstante, esperá-lo para apresentar-lhe suas homenagens e exprimir-lhe sua alegria. Postados sob os pórticos da Casa enfeitados para a ocasião, com cantos e composições literárias deram vazão ao afeto que sentiam por ele.

A 18 de março, Vigília de São José, apresentaram-lhe nova homenagem. Desta vez, foram-lhe oferecidos presentes valiosos: a Cúria e o Bispo deram uma mitra preciosa, que ainda hoje se conserva em Santa Chiara; a população de São Martinho ofereceu uma segunda mitra, um estilo bizantino; seus colegas de turma doaram um cálice de prata e um missal, para serem lembrados na celebração da Santa Missa; outras pessoas devotas o brindaram com vários paramentos episcopais; e os Irmãos, com um jogo de talheres de prata que, depois ele mesmo precisou pagar, porque eles nada possuíam.

A festa de São José foi celebrada com um solene Pontifical, durante o qual se executaram músicas seletas, mas sobretudo se admirou a serenidade, o decoro, a graça com que Dom Marelló celebrava as sagradas funções.

- Centenário de N. Sra. “Della Salve “em Alessândria
- Sua primeira Carta Pastoral
- Seu solene ingresso em Diocese de Acqui.

A população de São Martinho Alfieri, tão logo soube que o Cônego Marello tinha sido eleito Bispo, exultou de imensa alegria. Esperava, então ansiosa a oportunidade de exprimir-lhe a estima que por ele nutria; e muito mais o desejavam o Sr. Arcipreste que o conhecia desde clérigo, e o irmão Vitório, que na época já era Prefeito da cidade.

A sua visita foi celebrada com grande pompa e grandes manifestações de júbilo. No Sábado Santo daquele ano, uma multidão vinda também das aldeias vizinhas estava presente em São Martinho. O Pároco, o Clero, as Irmandades Religiosas, seu irmão Prefeito com a Câmara dos Vereadores ao completo foram recebê-lo às portas da cidade. Após o novo Bispo ter recebido as primeiras homenagens e dado as primeiras saudações, foi até a Paróquia, passando por baixo de arcos triunfais e grinaldas de flores que adornavam as ruas, ao som alegre dos sinos. A multidão se comprimia para ver seu doce semblante, as crianças se enfiavam pelo meio para melhor contemplá-lo, e as mães o apontavam aos filhos enquanto ele passava abençoando e sorrindo.

No dia de Páscoa celebrou um solene pontifical, em que os nossos Irmãos, especialmente vindos de Asti, serviram ao altar. Depois do Evangelho, fez a Homilia agradecendo em primeiro lugar ao Pároco, aos Vereadores e a toda a população pelas demonstrações de estima prestadas à sua pessoa; e acrescentou as exortações que lhe eram sugeridas pelas circunstâncias do tempo e da solenidade. Corroou a festa uma grandiosa exibição de fogos de artifícios.

CAPÍTULO IX

1889

- Dom Marello visita São Martinho Alfieri
- Demonstrações de honra que ali recebe

Permaneceu em São Martinho por dois dias, alegrando os parentes e as famílias mais distintas com sua presença, deixando em todos a lembrança inesquecível de sua amabilidade e doçura.

Celebrava-se naquele ano o Centenário de N. Sra. “Della Salve”, muito venerada na Catedral de Alessandria. Dom Giocondo Salvái, Bispo daquela cidade, convidou Dom Marelo para um Pontifical com a participação dos Revmos. Bispos Dom Pampírio de Alba, Dom De Gaudenzi de Vigévano, Dom Porrati de Bóbbio, e Dom Riboldi de Pavia, que depois foi Cardeal da Santa Igreja.

Os festejos terminaram com a solene procissão da efígie milagrosa de Maria Santíssima. e trouxeram para Alessandria fiéis da Diocese toda e das Dioceses vizinhas, como também muitos Sacerdotes de Acqui, desejosos de ouvir seu novo Bispo no panegírico que faria.

Dom Marelo, se inspirou na própria imagem, que representava a Virgem aos pés da Cruz, entre os braços de São João. Suas palavras foram tais e de tal forma apropriadas, que deixaram em todos uma vivíssima comoção; e manifestaram aos Sacerdotes da Diocese de Acqui, que ótimo Bispo haviam recebido.

Os novos filhos que a Divina Providência lhe havia dado, e que ele já começara a amar ternamente, esperavam ansiosos por conhecer seu amado Pastor, e por isso com a Carta Pastoral de 31 de maio ele lhes manifestou seu ânimo dirigindo-lhes a saudação de paz:

“PAX VOBIS: A paz esteja convosco!

A primeira palavra que vos dirijo, Veneráveis Irmãos e filhos diletíssimos, é uma saudação de paz, um voto de bem; saudação e voto que não diz respeito somente àquela paz, àquele bem a que aspira nosso coração por tendência natural, mas ao bem incompara-

velmente maior e de todo sobrenatural, à paz verdadeira que na vida de Jesus Cristo sobre a terra foi anunciada pelos coros angélicos aos homens de boa vontade; e que é, na vida presente, reflexo daquele inefável estado de alegria e de amor que na segunda vida se chama glória, e que, por descer do céu, faz a terra em quanto possível semelhante ao próprio céu”...

“... Feito ministro da Igreja, embora indigno, e a vós mandado pelo seu Chefe visível, ao dar esta saudação de paz que a cada dia no santo altar renovarei, já começo a missão de comunicar esta paz às vossas almas. É, pois, uma missão de paz que eu venho exercer entre vós”.

Ele era, na verdade, o homem preparado por Deus para esta missão pacificadora. Não foi como Bispo que começou a executá-la, pois que já a havia exercido por muitos anos ao lado de Dom Sávio, como secretário íntimo e confidencial, e havia continuado a exercê-la como Chanceler da Cúria Diocesana de Asti.

Oh! Se as paredes do Palácio Episcopal de Acqui, por ele santificado com sua presença, pudessem repetir tudo o que ele disse e fez para infundir este precioso dom da paz a todas as pessoas que acorreram a ele! Quantas lágrimas ele enxugou, a quantos corações exacerbados devolveu a calma, quantas reconciliações operou. Um dia, a um Sacerdote que lhe criticava o modo como administrava a Diocese, respondeu: “O mundo não sabe o trabalho que aqui se faz; é bom que tudo permaneça em segredo...”

Por tudo que escreveu nessa sua primeira Carta Pastoral revela-se alguém que desconfia de si mesmo, e sente por isso a necessidade de pedir o auxílio e a colaboração de todos: Cônegos, Párcos,

simples Sacerdotes e Religiosos, mas, acima de tudo, pede suas orações. Não esquece ninguém, demonstra apreciar a obra de cada um e a todos exorta a multiplicar o zelo nas ações.

“Quantos jovens, exclama ele, precisam de quem lhes parta o pão da divina palavra! Quantos pecadores Deus quer, por meio de seus ministros, reconciliar com Ele! Haja entre vós uma santa emulação de zelo pela saúde das almas e recebereis, um dia, do Príncipe dos Pastores a vossa coroa de glória...”. Prossegue, recomendando a oração: “Sim, elevai a Deus os vossos corações e rezai. Primeiramente rezai pelo sumo Pontífice Leão XIII. No dia em que preconizou o vosso Bispo, saíram de sua boca, ou melhor: de seu coração paterno, lindos votos de paz para a Cristandade e para todos os povos; porque seus desejos e suas fadigas apostólicas visam em especial modo à difusão por toda a terra do Evangelho de paz. Rogai ao Senhor para que se cumpram os votos desse Pai amantíssimo, e Ele possa ver entre os seus filhos reflorescer a justiça e a paz”.

Em seguida, recomenda à oração dos diocesanos o Cardeal Monaco La Valletta que o consagrou, como também os dois Prelados Dom Rocco Cócchia, Arcebispo de Chieti, e Dom Inácio Pérsico, Arcebispo de Damíata, que assistiram a sua consagração; e depois de outras pessoas, pede orações por Dom Ronco (chamando-o Pai e Benfeitor amantíssimo), pelos Cônegos da Catedral e o Clero de Asti; e finalmente pede orações para si mesmo, com as seguintes palavras:

“A caridade que vos liga ao vosso Pastor já vos leva a orar por ele: elevai, pois a Deus também uma prece por aquelas amadas pessoas de quem a Providência Divina benignamente o circundou antes de enviá-lo entre vós; ajudá-lo-eis, assim, a pagar o tributo da gratidão para com aqueles de quem o vosso Bispo precisou separar-se para ser todo vosso”.... E finalmente conclui com a oração que -

segundo diz - deve sempre estar nos lábios do bom Pastor pronto a sacrificar-se pelas ovelhas que ama: “Ó Senhor, ajuda-me a cuidar em teu nome dos filhos que me deste, dá-me que, ao momento das contas, eu possa responder-te com júbilo: - Eis que os guardei a todos com carinho, sem perder a nenhum deles!”

Dom Marello escolheu para sua tomada de posse da Diocese o domingo do bom Pastor, segundo domingo da Páscoa; mas, por dificuldades nascidas em Acqui, acabou optando pelo domingo dezesesseis de junho, festa da Santíssima Trindade.

Celebrou devotamente a Santa Missa em Santa Chiara e distribuiu a Comunhão a todas as Famílias da Casa. Repetidas vezes, porém, como pode notar o nosso Pe. João Médico, de feliz memória, ele teve de levar o lenço aos olhos para enxugar as lágrimas. Terminada a Missa, dirigiu-se logo como de costume à tribuna da Igreja para o devido agradecimento; e aí, não mais podendo conter-se, desabou num pranto copioso que se ouvia por toda a Igreja, tanto que o Pe. João foi consolá-lo.

Já estava pronta a carruagem para conduzi-lo à estação. Dadas as últimas disposições aos Sacerdotes que o rodeavam, vieram os Irmãos com os “Caríssimos”, os alunos do pequeno internato e as demais Famílias da Casa reunir-se sob os pórticos para receber a sua última benção. Ele começou a invocação: “Bendigo-vos Deus...”, mas o pranto o impediu de prosseguir; e então foi um pranto geral entre aqueles seus bons filhos que tenramente o amavam como Pai. Ele se apressou para montar na carruagem, a fim de tornar menos dolorosa a separação.

Em Alessândria, Dom Salvai quis tê-lo consigo para o almoço e dois Cônegos da Catedral de Acqui tinham ido ao seu encon-

tro. O Bispo de Alessândria, em sinal de honra, mandou que em todas as Paróquias da Diocese, à passagem de Dom Marello, os sinos repicassem e o povo acorresse para obsequiá-lo.

Em Sezze, hoje Sezzadio, primeiro povoado da diocese de Acqui, uma grande multidão apinhava-se para reverenciar o seu Bispo e receber a sua benção. Assim, também em Strevi. Em Cassine, até mesmo a Banda Municipal concorreu para aumentar a alegria geral.

Quando, finalmente, chegou em Acqui, o espetáculo que se ofereceu ao seus olhos era grandioso e imponente. A grande praça frente à estação não foi suficiente para conter a multidão de presentes, densa, exultante, mas ordeira. Desejosa de vê-lo ao menos de longe, estendia-se também pelos jardins públicos. Sob os pórticos da estação, a Câmara dos Vereadores o acolheu com obséquio e reverência. O advogado Accusani, em nome do Ministro Saracco, Prefeito da cidade, proferiu um elevado discurso; depois dele discursou o Presidente da Congregação de Caridade; e em seguida muitas pessoas da aristocracia dirigiram-lhe gentis cumprimentos.

Dom Marello a todos respondeu com palavras de afeto paterno e com sinais de vivo reconhecimento. Saído do pórtico, subiu na rua e, voltando o olhar em redor, pode observar a imensa turba que o cercava: saudou-a, então, com a sua benção e sentou-se comovido. Este ato tão digno e calmo foi notado por todos e sumamente apreciado. O cortejo se dirigiu, depois disso, para a Igreja de Nossa Senhora das Dores, em meio a duas espessas alas do povo, que a custo deixavam avançar lentamente a viatura. Na Igreja foi recebido com suma reverência pelo Capítulo da Catedral, pelo Clero e as Confrarias, e ouviu um discurso em estilo apurado que lhe dirigiu Mons. Pagella, Vigário Capitular. Este, entre outras coisas, lembrou que Acqui já havia recebido de Asti um outro Bispo, Dom Capra, que tanto bem operou em prol da Diocese; e esperava, por-

tanto de Dom Marello, vindo da mesma cidade, que fosse para Acqui uma verdadeira benção do Céus.

Dom Marello respondeu brevemente que vinha disposto a gastar todas as suas energias e a própria vida pelo bem das almas a ele confiadas; e profundamente comovido terminou exclamando: “Que o próprio Deus guarde os meus propósitos!”.

Com as alfaias solenes e precedido por duas longas filas de Párcos, Sacerdotes, Clérigos e Confrarias, encaminhou-se, pois para a Igreja Matriz pela rua principal, abençoando o povo que lotava praças, sacadas e janelas das casas. A banda municipal, que já o havia saudado na estação, alternava o canto procissional com suaves melodias. Na Matriz, escutou da Cátedra o sermão que lhe foi dirigido em latim pelo Cônego Teólogo Pióla, e lhe respondeu na mesma língua. Depois subiu ao púlpito e, com palavras inflamadas de santa caridade, manifestou todo o afeto que devotava aos novos filhos.

À noite, a praça em frente da Catedral, a própria Igreja, o Campanário e o Seminário, artisticamente iluminados, produziam um efeito maravilhoso.

Ao despedir-me de Dom Marello, depois de tê-lo acompanhado até o último instante, beijei-o repetidas vezes, chorando. O Cônego Buffa, tentando me consolar, lembrava que de Asti poderíamos vir visitar o Bispo com toda facilidade.

“Não é mais somente nosso”, eu lhe respondia. “É verdade, reconhecia o bom Cônego, não é mais somente vosso, mas nosso também!”

Em meio a tantas acolhidas festivas e a tanto júbilo, o aspecto do nosso pai era sereno e tranqüilo; internamente, porém, a alma estava turbada com o pensamento de que assumia o governo

de uma Diocese que outrem (apoiado nisso por um certo número de pessoas) poderia estar regendo e dirigindo com rara habilidade e competência... Outra pena que lhe afligia o espírito era o fato de ter-se separado de Santa Chiara em circunstâncias pouco favoráveis. Sabia que as condições financeiras da Casa não eram das melhores, praticamente, insuficientes para as necessidades das quase trezentas pessoas que então lá moravam ... Ao partir, deixara o pouco de que podia dispor, inclusive as quatro mil liras que recebera de presente do Cônego Buffa de Acqui, para as despesas de ingresso na Diocese.. Mas, isto, como poderia bastar?

Estes pensamentos o angustiavam profundamente; e todavia resignava-se e confiava na bondade e misericórdia de Deus que a ninguém esquece, mas - antes - toma amoroso cuidado até da última de suas criaturas.

CAPÍTULO X

1889 - 1893

- Dom Marelli em sua vida pastoral
- Exemplos edificantes
- Seu retrato físico-moral

O verdadeiro Pastor descrito no Santo Evangelho é aquele que imita mais de perto a ternura, o amor de Deus para com as almas. Por isso, São Paulo exclamava na II Epístola aos Coríntios: “Há por acaso uma enfermidade que eu não sinta? Ou uma queda cujo golpe não recaia sobre mim? De bom grado sacrificaria pelas vossas almas não somente tudo o que tenho, mas a mim mesmo”. E Jesus, além da imagem do bom Pastor, representa-se como a galinha que reúne os pintainhos sob as asas, para protegê-los do perigo iminente (Mt 23,37).

Dom Marelli, grato ao Senhor por tê-lo escolhido para o sublime ministério de Bispo, devotou-se inteiramente ao bem de seu rebanho, em tudo se sacrificando por ele, sem em nada poupar-se. Eis como ele fala dos seus primeiros meses de residência em Acqui: “Rendam-se todos, comigo, graças a Deus pela boa saúde e tranquilidade d’alma, que Ele me concede nestes primeiros meses de extraordinária atividade. Sim, graças a Deus por me governar a mente no exame de tantas coisas, nas longas conferências com o Vigário Geral e em pacíficas leituras de cartas que já formam uma montanha sobre a minha mesa. Graças a Deus pelo alívio que nas muitas ocupações

me dá o afeto dos bens Acquenses. As visitas (às centenas), os beija-mãos (aos milhares), as funções em várias Igrejas, os sermões de todo tipo, os exames aos Clérigos: tudo isso esgota o corpo, mas, com a ajuda de Deus, revigora o espírito” (20 de julho de 1889).

Fazia-se tudo para todos; e podia por isso afirmar de estar vivendo em estado de sítio pela multiplicidade das ocupações, devendo aproveitar os retalhos de tempo e até mesmo roubá-los do repouso para satisfazer a todos. Numa sua carta de novembro de 1889 assim escreve: “Com toda a boa vontade, é escasso o tempo até mesmo nas noites mais longas. Um pouco de breviário e os montes de cartas, que me manda o Vigário Geral para examinar, me consomem as horas noturnas que sobram das audiências”.

Usava para com todos de grande benignidade e paciência. Quem não sabe quanto é pesado o dever tratar com pessoas de índole tão diversa, muitas vezes maçantes, incapazes de exprimir-se bem, sempre prontas a contar e recontar as suas pequenas estórias (para elas tão importantes!); e ainda por cima perceber por vezes que ficaram insatisfeitas com a resposta recebida... E mesmo assim, não alterar-se jamais nos contratempos, nas coisas que não vão como devido... Quem não sabe quanta paciência exige o saber comportar-se dignamente sempre, em todas as circunstâncias? ...

Dom Marelllo a todos ouvia sempre com grande interesse; tinha uma palavra doce para todos; mostrava-se-lhes solidários e sempre os despedia consolados. Certo dia, uma pessoa pôs-se a narrar-lhe uma interminável lengalenga de enfadar um cadáver, enquanto eu esperava para discutir com ele coisas muito importantes.

Quando a pessoa terminou e se despediu, não me pude conter de dizer-lhe: “Excelência, como pode interessar-se de verdade por uma coisa tão sem importância? “E ele me respondeu: “A nós parecem

coisas insignificantes, mas a eles de muita importância. Se quisermos que os outros tomem parte nas nossas coisas, devemos ter respeito pelas misérias e penas dos outros”. Vou lembrar só mais um fato relatado pelo Cônego Olivieri que frequentemente acompanhava Dom Marelllo nas virtudes pastorais. Devia-se fazer a consagração de um altar numa Igreja um tanto distante da Paróquia. Quando o nosso pai já estava vestido com os hábitos pontificais e pronto para começar a função, deram pela falta das Sagradas Relíquias. Foi preciso voltar às pressas para a Paróquia onde tinham sido esquecidas, e atrasar de mais de meia hora a função. Nosso pai, para admiração de todos, não deu nesse meio tempo nem o mínimo sinal de impaciência e de aborrecimento. Achando-se na frente da Igreja e rodeado de muitas crianças, pôs-se a interrogá-las sobre o catecismo e a escutar com grande satisfação as suas respostas...

Quando saía pela cidade, os meninos faziam grande festa e em grupos o circundavam contentes de poder beijar-lhe o anel e ainda mais contentes quando podiam receber uma medalha ou outra piedosa lembrança.

Desta sua paciência nascia nele aquela igualdade de espírito pela qual se mostrava de ânimo sempre sereno, fosse o que fosse, e sempre no seu humor costumeiro: alegre e sereno.

Dava tudo de si, como também dava tudo o que tinha. Muitas vezes ficava sem dinheiro, e um dia pediu ao Pe. Médico (de feliz memória) alguns trocados para socorrer os pobres que encontrasse pelo caminho.

Lê-se que São Paulo suspirava pelo momento de poder encontrar e abraçar os fiéis de Roma, para confortar-se na fé comum. Dom Marelllo cumpriu este importante dever do seu ministério, le-

vando a todos os seus filhos caríssimos a paz, o conforto e a benção em suas próprias casas. Fez a visita pastoral em todas as cento e vinte paróquias da Diocese; inclusive nas de mais difícil acesso, sempre instruindo, edificando e lançando a divina semente. A sua palavra clara, simples, mas cheia de espírito, ardente de caridade e vida, penetrava na mente daquele bom povo, que o escutava com prazer e competia para acolhê-lo com as maiores manifestações de alegria e de júbilo. A oração do Pastor, então, se unia à dos filhos e a benção do Pai descia para confortá-los, deixando neles lembranças imperecíveis. Terminada a visita pastoral, separava-se deles, mas continuava a trazê-los todos no coração e de todos recordava com afeto, Sacerdotes e fiéis, lembrando o esplendor das procissões, as comunhões gerais, os arcos triunfais, as ovações, os cantos: sinais todos da fé que os animava. Vejam que linda página ele escreve sobre a visita feita aos povoados do vale do Rio Bórmida:

“O vale do Bórmida, perto de Cortemília, é uma das melhores regiões da diocese pela retidão dos costumes e o apego à fé. Encontrei lá muita piedade demonstrada na beleza das Igrejas e das alfaias sagradas e, sobretudo, na grande participação aos Santos Sacramentos. As Câmaras de vereadores proferiam alocações de dar inveja aos melhores cristãos da Idade Média; e numa paróquia receberam o Bispo com os dois joelhos no chão. Consagrei duas Igrejas, e nas duas ocasiões os fiéis provaram quão firme é a sua fé e como amam o decoro da Casa de Deus - As forças do mal não vencerão...”(11 de maio de 1893).

A sua presença nessas visitas cativava até mesmo aos mais adversos. Quando fez a visita Pastoral em Ricaldone, por algum motivo desconhecido as Autoridades Cíveis e a Banda Musical recu-

saram-se a ir recepcioná-lo, como era de dever. Na manhã seguinte, alguns deles quiseram por curiosidade entrar na Igreja. Só de vê-lo e ouvi-lo pregar, foram tomados de tanta admiração e veneração que, arrependidos e querendo reparar sua falta, na partida do Bispo quiseram todos juntos acompanhar a carruagem ao som da música, até a aldeia vizinha de Maranzana. Dom Marello agradecia e insistia para que voltassem para casa. Mas eles respondiam: “Não, excelência, não é justo. Não o deixaremos enquanto não tivermos encontrado uma outra Banda que faça a nossa parte”. E assim, aconteceu que só quando chegaram às primeiras casas de Maranzana, é que puderam retornar.

Usava de gentileza e amabilidade para com todos, mas especialmente com seus Sacerdotes, nos quais venerava o sagrado caráter de que são revestidos: e eles tinham pelo seu Bispo o mesmo afeto e toda a veneração que os filhos tem por um pai. Queria estar a par da situação dos pobres párocos de montanha, a quem provia generosamente com os recursos da renda episcopal.

Tinha um cuidado particular em conservar intacta a fama do próximo, especialmente dos seus Sacerdotes. Nunca se ouviu de sua boca uma palavra de reprovação ou de lamento a respeito deles, mas sempre escondia seus defeitos e louvava as boas qualidades. Com isso, conseguia a sua simpatia e tudo o que desejava. Um dia, apresentou-se-lhe um Sacerdote que, exasperado com alguma ordem recebida, estava resolvido a não se submeter. O Bispo o tratou com tanta amabilidade e boa graça, que ele se deu por vencido e disposto à obediência. Aos colegas maravilhados pela mudança repentina respondeu: “Que é que vocês queriam? Às suas maneiras não se pode resistir”.

“Uma vez, - conta o Cônego Peloso, seu Secretário - eu sentia uma ligeira indisposição. Dom Marelló, com aquele olhar que tudo penetrava, percebeu-o e, sem dar sinal algum disso, disse-me sorrindo: “Ouça, Pe. Pedro, vou me vestir de simples sacerdote e nós dois iremos dar um belo passeio”. De fato, no dia seguinte fomos passear. Eu acreditava, então, que ia apenas para acompanhá-lo” só mais tarde, repensando o caso, percebi que ele quisera usar comigo deste tratamento de gentileza para dar-me oportunidade de me distrair”.

Enquanto ele se ocupava, não esquecia a sua amada Congregação. De vez em quando aparecia em Asti para consolar com sua presença os seus filhos. Como essas visitas eram doces para ele e alegres para os Irmãos! Eram uma festa e uma alegria inenarráveis! Por anos seguidos, veio celebrar o solene Pontifical no dia de São Vicente de Paula, Titular da Igreja de Santa Chiara e Patrono do Asilo. Quando não podia vir em pessoa, se interessava por carta de cada família da Casa, aliás, de cada Irmão; respondia as perguntas, resolvia as dificuldades, provia às eventuais necessidades.

É digno de memória esta passagem de uma carta que ele escreveu em resposta às boas informações recebidas no mês de São José em 1891: ‘É a primeira vez que tenho a consolação de responder a uma carta toda cheia de belas notícias, tanto é assim que saboreei e fiz saborear ao Pe. Peloso... como um agradável trecho musical estupendamente harmonizado do princípio ao fim. São José é sempre o Mestre-de-Capela que dá o tom, embora às vezes permitia pequenas dissonâncias. Neste seu caro mês, porém, quer que todas as notas fluam justas e melodiosas, de modo a arrebatá-nos o espírito para as alturas, onde tudo é harmonia”(23 de março de 1891).

Agrada-nos também lembrar de mais um trecho de outra carta sua, em que ele se alegra pelo modo como os irmãos passavam as férias de verão na casa de campo que a Diocese possuía em Strevi, onde se tinham alojado por desejos dele: “Estou contente que os Irmãos coroem as férias em Strevi com uma romaria ao santuário da “Madonna della Creta”. Acrescento que todos merecem elogios pela conduta e disciplina, tanto pessoal como comunitariamente: quem no canto, quem no cavalgar o burrinho, quem no conduzir os passeios, quem no jogo de bochas; todos no meditar, salmodiar e rezar terços, etc.; e isto, de uma maneira tão perfeita, que o veraneio nestes dias pode-se dizer transformado em residência de Religiosos e a Capela em Santuário”. (14 de agosto de 1894)

É oportuno fazer aqui um breve aceno às Cartas Pastorais por ele endereçadas aos fiéis da sua Diocese, ou pelo menos à mais significativa entre elas, que é a Carta Pastoral por ocasião da Quaresma de 1892. Nela aparece o quanto ele prestigiava a educação cristã da juventude: ele a recomenda com suaves e convincentes expressões, querendo que os educadores se mantenham distantes daquela falsa ternura que os impede de dirigir aos menores uma admoestação oportuna.

Era um Pastor vigilante e por isso procurava que fossem observadas as leis da Igreja e se tivesse uma filial obediência ao Vigário de Jesus Cristo; disso, diga-se de passagem, ele sempre dava um exemplo sublime.

Os jornais haviam anunciado a sua peregrinação a Roma, sem que ele lhes tivesse manifestado de fato a sua vontade. “Agora, porém, que a notícia está divulgada e que me consta ser desejo do San-

to Padre ver ao redor de si, na ocasião do seu Jubileu, uma bela representação do Episcopado, resolvo-me a imitar o exemplo dos Confrades e expor-me a incômodos, perante os quais não se desencorajam outros menos jovens e robustos do que eu. Afinal, se trata de capitanear um destacamento de Diocesanos e de apresentar ao Pai comum a bonita família de meia centena de filhos”. (05 de fevereiro de 1893). Assim, não só atendia ao dever, mas também ao simples desejo do Vigário de Jesus Cristo...

Agora que já aludimos à sua vida pastoral, parece-nos sumamente útil apresentar, como num quadro, o seu retrato físico e moral. Servirá para colocá-lo merecidamente em evidência e conceber dele toda a estima que merece.

Dom Marello era de estatura pouco mais que mediana, de aparência robusta e bem proporcionada, porém, nos últimos anos de sua vida tendia um pouco à obesidade. Tinha formas delicadas, fronte espaçosa e serena, olhos vivos penetrantes e conciliadores, boca sempre sorridente, postura digna, modos simpáticos e gentis. Sua conversa era alegre e agradável, e sabia embelezá-la com santos gracejos e anedotas aprendidas da boca de Dom Sávio.

Esta era a aparência e por assim dizer a casca...

Quem quisesse conhecê-lo mais intimamente, descobriria que era dotado de uma bondade de ânimo, de uma doçura de caráter e condescendência raras mesmo, e parecidas com as de São Francisco de Sales, a quem sempre quis imitar.

Não se deve crer, porém, que a sua atitude nascesse de moleza ou comodismo. Muito pelo contrário, sabia ser firme, seguro e resolutivo quando se tratava do dever ou da salvação das almas. Os seus Sa-

cerdotes estavam sempre dispostos a obedecer à sua vontade, porque tinham experimentado o quanto ele fosse sábio e prudente.

Doçura e firmeza eram a sua característica: virtudes difíceis de serem harmonizadas... Era doçura que não degenerava em moleza; e firmeza que não se tornava aspereza.

Quem dele separasse estas duas virtudes não teria uma idéia exata de Dom Marello, ou a teria incompleta. Isto se dava porque - com espírito equilibrado e grande inteligência - penetrava as coisas e pesava-as no seu justo valor; e com a luz da prudência e da fé, dava sobre elas um juízo sempre reto. Discernia à primeira vista os dotes e méritos das pessoas, e com santa maestria sabia tirar daí vantagem e utilidade para o bem das almas.

Bastava-lhe ver uma única vez os seus Sacerdotes ou Clérigos para não esquecer-los mais; e se, por ventura às vezes não recordava o nome, sempre porém lembrava a cidade de onde eram originários.

A sua bondade refulgia especialmente quando se tratava de corrigir ou admoestar: então esperava pacientemente até que a ocasião chegasse; e depois, com suaves palavras e modos agradáveis se dava à tarefa até conseguir o efeito desejado. Pensando nisto, justamente, disse um dos seus Sacerdotes que naquele tempo a Diocese se governava como um relógio tanta era a exatidão e precisão com que se cumpria cada coisa.

Coroava estes belos dotes uma rara prudência, que tudo sabia moderar a seu tempo e lugar. Sua Santidade, o Papa Leão XIII, na audiência privada concedida a ele e aos Bispos preconizados no mesmo Concistório, tinha recomendado bastante esta virtude, chamando-a “Abadessa” de todas as outras e dizendo que os fiéis no

pensamento repetem a seu bispo estas palavras: “Se és prudente, então sê nosso guia! ”. Por isso os aconselhava a não se inclinar facilmente para as inovações.

Dom Marello fez tesouro desses ensinamentos quando, por exemplo, conservou o mesmo Vigário Geral, o mesmo Secretário, e até o mesmo criado de seu predecessor. Após semelhantes coisas, não é de admirar que fosse tido por todos em conceito de homem cheio de Deus, e que depois de vinte e cinco anos passados da sua morte, ainda seja recordado com veneração sincera.

Não admira que o próprio Sumo Pontífice Leão XIII, em audiência concedida ao nosso Fundador, o apontasse a um Cardeal aí presente dizendo: “Este é um dos preconizados no Concistório de fevereiro de 1889: ele governa bem a sua grei!” e depois, voltando-se para o Secretário e segurando-lhe a mão, acrescentasse: “Vós tendes nele um tesouro!” Nem admira, enfim que um Excelentíssimo Arcebispo, antes não de todo favorável à nossa causa, em carta dirigida ao Eminentíssimo Cardeal Secretário de Estado tenha-se referido ao nosso pai chamando-o “Santo Prelado”....

Mais ainda, porém, para nós são preciosas as palavras do Papa Pio X. Tendo ouvido de mim, em audiência benignamente concedida, que Dom Marello tinha sido o Fundador da nossa Congregação, exclamou: Ah, Dom Marello! Eu o conheci: Ele era um Santo!”

Ninguém imagine por isso que a vida dele mostrasse algo de singular ou de extraordinário. Disse o Cônego Peloso: “Tudo nele era ordinário, tanto mais que - com a sua humildade e modestia - escondia o mais possível as suas obras. Nele, porém, havia tal amabilidade, tal espírito de piedade, tal perfume de virtude, que

tudo nele era admirável e o tornava querido a Deus e aos homens”. Sua calma serena e tranquila gozava o contínuo sorriso do Senhor: donde, de certa forma, podem se dizer dele as palavras do Santo Evangelho: “Ele fez bem todas as coisas”.

CAPÍTULO XI

1893 - 1895

- Dom José Marello e os jovens
- Compra do Castelo de Frinco
- Última grande tribulação de Dom Marello

Dom Marello, como todos os homens destinados a grandes coisas pela glória de Deus, compreendeu a sua alta missão e se empenhou em cumprí--lá generosamente. Viu os males da presente sociedade e procurou um remédio salutar para eles; conheceu suas necessidades e buscou solucioná-las com zelo iluminado.

De fato, é comprovado por longa e dolorosa experiência que o nosso tempo anela somente aos gozos e prazeres; mergulhado nos cuidados e interesse materiais desta vida, esquece Deus e os interesses espirituais e eternos da alma.

Daí uma espantosa ignorância das verdades religiosas e morais, pela qual as festas são profanadas e convertidas em dias de divertimentos, onde quase sempre o ganho da semana serve para estragar a saúde; a família, em vez de ser o lugar da morigeração, do temor de Deus e da sã educação, tornou-se muitas vezes exemplo de vício e de corrupção; a escola e a fábrica são frequentemente o lugar onde se ensina a imoralidade mais nojenta e se escarnecem as coisas mais puras e santas.

Por isso é que assistimos ao miserando espetáculo do contínuo aumento da delinqüência juvenil. Mas ao alastrar de todos esses males é possível ainda opor um dique potente e, assim, tornar novamente cristã a sociedade, porque “Deus fez as nações com capacidade para melhorar...”. E este baluarte possante é justamente buscado na educação cristã dos jovens, que amanhã serão os pais e as mães de famílias e os governantes do país.

Quanto cuidado, portanto, merecem estes jovens, pelos quais o Divino Mestre manifestou os afetos mais tenros de seu coração! As páginas do Evangelho dão disso um testemunho seguro: as mães rompem a multidão que circunda Jesus, ansiosas de apresentar-lhe os seus pequeninos, para que lhes imponha as mãos e os abençoe. Os apóstolos, não ainda imbuídos do espírito de Jesus, querem impedi-las; mas Jesus com infinita ternura lhes repete: “Deixai que os pequeninos venham a mim”, e amorosamente os abraça e acaricia. E noutro lugar acrescenta: “Ficai cientes de que eu terei como feito a mim, aquilo que tiverdes feito a um destes pequeninos por amor de mim”.

De resto, todos sabem o quanto o adolescente está aberto e disposto para receber nossas atenções e delas tirar proveito. É como uma flor recém-desabrochada, que espera o orvalho do céu; é como plantinha

nova que facilmente se endireita; como um campo, onde a semente lançada pelo agricultor pode frutificar abundantemente.

Dom Marelló, considerando tudo isso, fundou a Congregação para que nós imitássemos São José na vida interior, mas também na sua vida de apostolado. Este Santo Patriarca guardou, defendeu e nutriu Jesus. Por isso, o nosso Fundador quis que nós, sem descuidar dos outros ministérios sagrados, o imitássemos principalmente na missão de guardar, defender e ensinar os jovens, nos quais é mais viva a imagem de Jesus.

Quis, portanto, que os Irmãos se ocupassem com grande diligência da instrução religiosa dos jovens, dando catecismo nas Paróquias e educando-o nos nossos internatos de Santa Chiara e Frinco; para este mesmo fim, quis que alguns Irmãos se habilitassem no magistério com o título de Professores Primários. Quando se abriu a escola noturna de Catecismo para os jovens operários, ele mesmo foi o primeiro a empenhar-se em tão nobre missão. Quando a Divina Providência dispôs que nos fosse confiada a direção do Oratório de São João junto à Catedral de Asti, em que se podia exercer muito bem esta finalidade, ele, então, Bispo de Acqui, demonstrou vivo interesse e grande solicitude. Finalmente, deve-se lembrar que, quando pessoas sábias e dotas lhe fizeram a proposta de tornar seus Irmãos bons enfermeiros e fundir com outros Institutos a sua Congregação, ele sempre se opôs de maneira doce mas resoluta, porque lhe parecia que não fosse conforme o designo de Deus.

Assim é que, ocupando-nos especialmente da educação cristã dos jovens, obteremos o exercício daquela vida ativa, por ele tão desejada, santamente praticada por homens eminentes, tão plena das bênçãos do céu e admirada pelos mais sábios de nosso tempo.

Deste modo, os menores poderão obter de nós aquilo que inutilmente suplicam à família e à escola. Deus, então, governará soberano em seus corações; na bela primavera a vida, poderão esperar para si um alegre crepúsculo; nas lutas morais encontrarão um conforto e um sustento; e poderão chegar seguros ao porto da salvação.

A Congregação, até então, não possuía outra casa além de Santa Chiara: crescendo, porém o número dos Irmãos, sentia necessidade de um outro lugar para melhor desenvolver-se e especialmente prover à formação dos aspirantes. A Providência dispôs que no município de Frinco, a 14 Km de Asti, fosse posto a venda um antigo castelo. A parte mais antiga do mesmo remonta ao século XIII e ocupa inteiramente o alto de uma colina, enquanto avista o povoado a seus pés, quase fosse tomar-lhe o domínio e a defesa. Tem o aspecto imponente e severo dos castelos medievais, com suas torres e portões de grade.

Em sete séculos de história, os seus muros têm testemunhado guerras fratricidas e lutas entre fidalgos provincianos da Idade Média. Na paz que aí se goza, ainda hoje tem-se a impressão de ouvir o eco das vicissitudes e contendas daqueles tempos ferrenhos. É todo circundado de colinas mais elevadas, menos ao norte onde a vista se recreia com o córrego Versa, que à guisa de fita serpenteia pelo fértil vale, e com o panorama de grande parte do Monferrato, rico de belos povoados sobre férteis colinas. Daí, o olhar à direita se estende até o ponto mais alto do Santuário de Crea e à esquerda alcança Albugnano, 549 metros acima do nível do mar.

Os primeiros proprietários do Castelo, foram os Pelletta, nobres astigianos; o último, o marquês Vittório Incisa de Camera-na. Este nobre senhor, desejando vendê-lo a algum Instituto Religioso, trocou idéias com Mos. Raviola, então Vigário Cooperador do povoado. O douto e pio Sacerdote, que sempre foi nosso amigo, com o consentimento de Mons. Conti, Cura da Paróquia, fez a proposta aos Superiores da Congregação, parecendo-lhe coisa muito vantajosa para nós adquirirmos o castelo, tanto pela salubridade do lugar como pela suavidade do preço. Dom Marello, quando interpellado por um parecer, respondeu favoravelmente, contanto que servisse às finalidades. Após diligente visita, o Engenheiro Carlos Rostagno assegurou que com poucos consertos podia-se ter ali uma cômoda habitação.

Foi estipulado o ato de compra pelo preço de 12.500 liras, e a inauguração foi no dia de São Pedro do ano de 1893. Benzeu-se, então, uma bonita estátua de São José e, depois de uma solene procissão pelo pátio do castelo, foi colocada sobre o frontão da porta principal, como guardião da Casa e do povoado. Um grandioso salão foi adaptado ao uso da Capela. Benzida pelo Bispo de Asti, Dom Ronco, foi dedicada ao Sagrado Coração de Jesus. E, assim o Castelo se tornou a Casa do Noviciado.

O nosso Fundador veio visitá-lo em forma privada, acompanhado de Mons. Pagella, seu Vigário Geral, que lhe era muito afeiçoado. A alegria de Dom Marello ao ver a nova Casa, o próspero incremento da Congregação e a boa vontade que os noviços mostravam no serviço de Deus foi mais que evidente. Os Noviços, por sua vez, estavam extremamente contentes de poder-se encontrar com seu amado pai e ouvir seus sábios ensinamentos.

Enquanto Dom Marelo atendia com todo o ardor ao governo de sua Diocese e da amada Congregação, o Senhor permitiu que uma grande tribulação viesse amargar seu coração, servindo para tornar mais bela a sua alma e fazê-la resplandecer daquela santa caridade, paciência e humildade, de que só é cheio o coração das almas generosas, a fim de dar um belo exemplo a nós e a quantos o conheceram intimamente.

A tribulação chegou quando menos se esperava e de quem, a juízo humano, menos se podia prever. Mas todo mundo sabe que as questões apresentam tantos lados igualmente bons, e que os homens virtuosos estão cheios das mais retas intenções pela glória de Deus e o bem das almas. A compra do Castelo de Frinco foi o momento e a Casa de Santa Chiara com suas circunstâncias foi o objeto.

A pequena Casa da Divina Providência de Turim, à qual três dos representantes civis de Santa Chiara haviam cedido sua parte de propriedade, acreditava-se dona do imóvel e por isso queria fazer valer sobre ele plenos direitos de administração. Dom Marelo tinha boníssimas razões para não ceder e não lhe parecia oportuno renunciar aos seus direitos de Fundador, e deixar perecer a Congregação por ele instituída com tantos sacrifícios e sustentada com tantas despesas.

De ambas as partes surgiram tentativas de acordo amigável. Para este fim, foram interpostas pessoas influentes. Mas, longe de melhorar, a solução da questão e o estado das coisas se tornavam cada dia piores. Neste meio tempo (isto é, de 1893 a 1895), o nosso Fundador não cessou de multiplicar as orações e as mortificações,

para que Deus quisesse fazer brilhar a luz e retornar a perfeita concórdia. A sua paciência não ficou abalada nem por um momento. De humor suave, sempre sereno e igual a si mesmo, encorajava os Irmãos à confiança em Deus, e assim lhes escrevia em outubro de 1894: “Sobre os Irmãos de São José, a escuridão vai-se fazendo cada vez maior. Escuridão, que já quase nos impede de mover um passo com segurança. Mas sejam benditas também estas pavorosas trevas, se as adensa a vontade do Senhor. Caminhemos confiantes, no escuro, pensando que os Anjos estão de guarda para não nos deixar tropeçar. Caminharemos a passinhos, se não pudermos correr nem andar; mas estaremos de pé. Mas quando virá a luz? Eis o segredo de Deus. Podemos suspirar por esta luz, como se suspira pela aurora do dia; mas, como a esta, não podemos adiantá-la nem de um instante sequer. Devemos olhar vigilantes para o Oriente, justo no ponto onde se mostrará a luz matutina; que não nos aconteça confundir-la com a aurora boreal, que engana o peregrino...” (Carta de 26 de outubro de 1894).

Porém, a sua fibra robusta ficou abalada e um mal interno o ia consumindo pouco a pouco. Para salvar a sua querida Congregação, quis fazer a Deus o sacrifício da própria vida (como nos consta de testemunho de um digno Sacerdote); e o Senhor aceitou esta nobre imolação.

Após a morte de Dom Marelo, o seu Vigário Geral Mons. Pagella, e o seu Secretário Pe. Peloso retomaram a questão ainda pendente, desta vez recorrendo à Sagrada Congregação dos Bispos e Religiosos, à qual a “dúvida” foi assim apresentada oficialmente: “Se e como se deva entregar à Pequena Casa da Divina Providência de Turim o imóvel de Santa Chiara em Asti, como também o dinheiro, os livros e todos os registros contábeis concernentes à gestão

da Obra Santa Chiara, com todos os atos públicos, escrituras privadas, testamentos e os demais títulos que digam respeito ao patrimônio da mesma”. A 10 de abril de 1897 a Sagrada Congregação respondia: “Nada deve ser entregue , segundo o veredicto. O veredicto, pois, é que o imóvel e todos os bens de Santa Chiara pertencem à Pia Obra que por autoridade do Bispo de Asti foi fundada no dia 11 de maio de 1883 na mesma cidade, conforme o rescrito desta Sagrada Congregação. À Direção e Administração da obra são de competência do mencionado Bispo de Asti que para o exercício de tais funções, poderá se servir de quem ele julgar diante de Deus digno e idôneo. Do mesmo modo cabe ao Bispo o direito e o dever de cuidar a fim de que sejam representantes civis da mesma obra, pessoas de total confiança dele e totalmente submissas às suas diretivas. Ao Bispo de Asti seja enviada uma carta particular, com a seguinte decisão: A Sagrada Congregação dos Bispos e religiosos julga oportuno que ele intime os atuais possesores a cederem seu direito de representar a obra diante da Lei civil Italiana e que tal direito seja dado a outras pessoas designadas pelo mesmo Bispo”.

Esta sentença foi novamente confirmada pela mesma Sagrada Congregação nas reuniões plenárias de 1º de julho de 1898 e de 16 de março de 1900.

O nosso Fundador não pode ver o fim desta dolorosa controvérsia; mas por certo, lá do céu, deve ter-se alegrado de tão feliz êxito, com que foram coroados os seus sacrifícios e consolidada a sua amada Congregação.

CAPÍTULO XII

1895

- Dom Marello prestigia outra vez as festas da “Madona della Salve” em Alessândria
- Dirige-se a Savona
- Sua Santa Morte
- Solenes funerais

Em abril de 1895, Dom Giocondo Salvai, Bispo de Alessândria, que nutria grande afeto e veneração por Dom Marelllo, quis que ele participasse novamente das festas da “Madona della Salve”, Padroeira da cidade. O nosso Fundador foi para lá: mas o grande desgaste físico daqueles dias, somados aos sofrimentos morais, serviu para agravar a sua doença e causar-lhe uma grave hemorragia.

Em maio daquele mesmo ano completava-se o terceiro centenário da morte do Apóstolo de Roma, São Felipe Neri. Os Padres do Oratório, que tinham em Savona uma Igreja dedicada a este grande educador da juventude, convidaram Dom Marelllo para presenciar a festa, que naquele ano caía num domingo. Nosso Fundador, sempre condescendente com os justos desejos, embora não estivesse completamente restabelecido, não quis faltar à palavra já de há muito empenhada: na vigília da festa dirigiu-se a Savona, onde foi recebido com grande júbilo. À noite, porém, não conseguiu dormir e por isso levantou-se, de manhã, extremamente fraco. Mesmo assim, celebrou a Santa Missa das 07:30 h em presença de numeroso povo. Antes da Comunhão Geral, a todos, mas especialmente aos jovens colegiais e aos jovens do Círculo Pio VII, que assistiam em grupo e com bandeira, dirigiu afetuosíssima palavras, convidando-os a imitar São Felipe na oração e na ação. Terminada a função, ficou para assistir a missa seguinte em ação e graças. Justamente no momento da consagração, enquanto estava ajoelhado em adoração, caiu num ligeiro desmaio, de modo que permaneceu por algum tempo com a cabeça inclinada por sobre o genuflexório. O bom Secretário o percebeu e, segurando-o, conduziu-o à sacristia. Tendo descansado um pouco, pareceu reanimar-se: aliás, durante o dia, divertia-se comentando jocosamente o acontecido: “Quem sabe o que terão dito os Savonenses ao ver-me naquela atitude. Devem ter pensado: como é

fervoroso o Bispo de Acqui, e que reverências profundas ele faz! Às 10:30 h deveria assistir pontificalmente a Missa solene cantada, sendo celebrante Mons. Rosselli, Vigário Geral de Savona; mas foi dispensado e só ficou incumbido de dar a Benção com o Santíssimo Sacramento à tarde, depois das Vésperas.

Sentia-se muito cansado e até mesmo prostrado; apesar disso conservou sempre um aspecto sereno e alegre, que fazia exultar os Padres do Oratório por tê-lo em seu meio, edificando-se pela sua piedade.

Não querendo o nosso Fundador partir de Savona sem ter reverenciado a Dom José Boraggini, Bispo da cidade, que na ocasião se encontrava ausente, aproveitou o tempo da espera para visitar o Santuário de Nossa Senhora da Misericórdia.

Este célebre Santuário se encontra a sete quilômetros da cidade, sobre o rio Letimbro. Foi erigido em memória de uma aparição de Maria Santíssima ao seu devoto Antonio Botta, em 1536. Possui tesouros artísticos de imenso valor; mas o seu tesouro mais valioso é sem dúvida a estátua milagrosa da Virgem, venerada na capela subterrânea e coroada por Pio VII em reconhecimento por ter sido libertado da prisão de Napoleão I.

No Santuário o nosso pai passou a manhã inteira em oração, recomendando todos os seus diletos filhos e a amada Diocese, e desafogando o seu coração repleto de angústia e de amargura. Acredita-se que, então, num excesso de fervor, ele tenha renovado pelas mãos de Maria o sacrifício de sua vida, pelo triunfo e a prosperidade da sua querida Congregação. Os anjos comovidos ouviram a solene oblação e Maria Santíssima a aceitou. Depois disso, sentiu-se con-

fortado e aliviado no espírito; mas ao sair do Santuário disse ao Secretário: “Parece-me ter na cabeça um barrete de chumbo a me oprimir com seu peso”. Quem outrora, quando pela primeira vez, em criança, visitava este Santuário, poderia ter-lhe dito: Aqui em Savona terminarás os teus dias e depositarás o teu espírito nas mãos do Senhor? São os desígnios imperscrutáveis de Deus!

De volta a Savona, foi visitar o Bispo, que a todo custo quis tê-lo como comensal. Dom Marelló, embora indisposto aceitou; e enquanto lhe era mostrado o quarto de Pio VII, caiu desmaiado e precisou ser levado para uma cama. Isto aconteceu na segunda-feira. O mal no momento não parecia grave, e por isso o secretário somente passou um telegrama, avisando o Vigário Geral Mon. Pagella de que, devido a ligeira indisposição sobrevinda, Dom Marelló atrasaria de alguns dias o seu retorno para Acqui.

Por causa da insônia e das graves hemorragias sofridas nos dias anteriores, o nosso pai padecia agudas dores de cabeça, pelo que o mínimo ruído lhe era tormentoso. O bom criado, todo angustiado, estava sempre à sua volta procurando com todos os meios aliviar-lhe as dores. Por fim, o Fundador lhe pediu com boas maneiras que o deixasse tranquilo, dizendo com seu modo sempre alegre e brincalhão: “Batista, quer dois vinténs para parar quieto? ‘Afligia-se especialmente pelo incômodo que causava a Dom Boraggini e exclamava: “Batista, se eu estivesse em casa, já estaria meio curado!”

Na terça-feira parecia tão bem recuperado, que os dois médicos que o visitaram asseguraram-lhe que poderia viajar tranquilamente daí a dois dias. Na quarta-feira, de fato, continuou melhorando de modo que, embora de cama, manteve em santa alegria a

todos com quem conversou. Na quinta-feira de manhã, porém, o Côn. Peloso percebeu uma recaída e achou por bem passar um telegrama a Mons. Pagella, participando-lhe a decisão de suspender a partida e solicitando a sua presença em Savona.

Às 16:30 h, o estado do paciente agravou-se ainda mais, tanto que a custo conseguia proferir alguma palavra indistinta e confusa. O Côn. Peloso acreditou tratar-se do efeito dos remédios que lhe haviam ministrado; mas na verdade eram os sintomas da morte iminente. Quando Mons. Pagella chegou acompanhado do Ecônomo do Seminário, nosso pai, através de gesto e falando confusamente, conseguiu expressar o seu agradecimento pela visita e sua gratidão. Mons. Pagella, vendo-o naquele estado, intuiu logo a gravidade e, cheio de angústia, retirando-se por um momento, disse aos presentes que já não havia mais nenhuma esperança e que o Bispo estava morrendo. O Secretário a estas palavras ficou fora de si pela dor. Monsenhor Pagella, no entanto, voltou ao leito do caro enfermo.

Quantas coisas teria querido dizer-lhe o nosso pai, naqueles últimos instantes! Era um momento solene: Dom Marelló fitou longamente o seu Vigário Geral, e com aquele doce olhar parecia querer-lhe recomendar a Diocese e especialmente a sua querida Congregação, que deixava em difíceis condições e pela qual oferecia sua vida. Era como se lhe dissesse: “Estou à morte. A ti a confio. Cuida de salvá-la”.

O mal precipitou e assim não foi possível administrar-lhe o Viático, mas somente a Extrema Unção. E na quinta-feira, 30 de maio de 1895, às 18:00 h, tranquilo e confiante, Dom Marelló morreu de anemia cerebral e foi para o abraço do Pai.

O sacrifício estava consumado. Os Anjos lhe tinham fechado os olhos na paz dos justos, quando ele estava com cinquenta anos, cinco meses e cinco dias de vida.

A notícia espalhou-se rápida, e os bons Savonenses, que já tinham aprendido a estimá-lo, acorreram numerosos para rezar junto de seu corpo e expressar-lhe o seu mais profundo obséquo. Os Estudantes do Círculo Católico quiseram prestar-lhe serviço de honra, fazendo a guarda por turnos.

Aos seus filhos tal perda iria resultar doloríssima. Para moderar a impressão que teria produzido esta notícia, foi enviado um primeiro telegrama, que ficou para todos misterioso, não sabendo eles como o pai poderia se encontrar em Savona. Meia hora mais tarde, precisamente quando a nossa comunidade estava saindo da Igreja, após a Benção, chegou um segundo telegrama que dizia: “Nosso amantíssimo Bispo faleceu”. Entendemos, então, que negra desgraça nos tinha atingido. Foi um pranto geral a expressar a dor de todos, tão intensa que nem se pode exprimi-la por palavras, mas só a experimentou quem perdeu uma pessoa amantíssima por morte prematura, bem no momento em que mais necessário era a sua presença. Ninguém podia conformar-se com uma tão grande e inesperada desgraça.

No dia seguinte, bem cedo, foi cantada uma missa solene de sufrágio; em seguida, com alguns Irmãos partimos para Savona. Quando chegamos, já se tinham passado vinte e quatro horas da morte de nosso pai: beijamos com afeto as suas mãos e rezamos bastante pelo seu eterno descanso.

Ficamos alojados no Seminário, recebendo as mais amáveis atenções daqueles venerandos Superiores.

Na manhã seguinte, vigília de Pentecostes, realizou-se na Catedral o solene funeral, na qual tomaram parte o Bispo, os Cônegos e todos os Clérigos do Seminário que, não obstante o tempo chuvoso, quiseram tributar a nosso pai as maiores demonstrações de veneração e de piedoso sufrágio. Daí o féretro foi acompanhado à estação ferroviária, de onde partiu para Acqui.

Lá já estavam à sua espera o Capítulo da Catedral, numerosos clero e uma imensa multidão de fiéis. Organizado o cortejo, entre preces e cânticos, o corpo foi levado ao Bispado e disposto num grandioso salão transformado em câmara ardente. Sendo no dia seguinte solenidade de Pentecostes, achou-se oportuno esperar até terça-feira para dar-lhe sepultura. Neste intervalo de tempo, ao redor do esquife foi um contínuo alternar-se de Sacerdotes, Clérigos, Irmandades e fiéis, que pediam paz e repouso para seu amado Pastor.

Esta morte prematura tinha trazido um grande pesar não só em toda a Diocese de Acqui, como também junto aos conhecidos e amigos da Diocese de Asti. Dom Ronco ficou aflitíssimo, e chamou a Dom Marelló: “Mártir da caridade”. O Capítulo da Catedral de Asti, ao qual o Marelló havia pertencido, enviou suas condolências e delegou dois Cônegos para representá-lo no sepultamento. Com mais razão em Santa Chiara, enquanto era mais assídua a oração de sufrágio, era também mais viva a dor e frequente o pranto, tanto que a tristeza no semblante de todos contrastava claramente com a solenidade do dia: era Pentecostes, dia em que a Divina Esposa, exultante pelos imensos benefícios dispensados ao mundo todo pela descida do Espírito Santo, faz cantar os seus ministros: “Por este motivo, o mundo inteiro exulta da mais pura alegria”. (Prefácio da Missa de Pentecostes).

No dia do sepultamento, toda a Diocese de Acqui estava concentrada na cidade. Pelas 10:00h, ao som triste dos sinos, deu-se início à cerimônia fúnebre. Após uma fila interminável de Companhias e Irmandades com seus estandartes e bandeiras enlutadas, vinham os Clérigos, os Párocos da Diocese, o Capítulo da Catedral e depois Dom Re, Bispo de Alba. O fúnebre seguia coberto por um longo manto negro; uma almofada de veludo vermelho e franjas de ouro sustentava a mitra branca. Logo em seguida vinha Vitório Marelllo e outros parentes, os representantes do Município de Acqui e de São Martinho Alfieri, os Cônegos da Catedral de Asti, muitos Sacerdotes da mesma Diocese, os nossos Irmãos e por fim o povo em duas longuíssimas filas, chorando e rezando.

Poderia parecer um triunfo, não fosse pelos tristes cantos fúnebres que anunciavam, em vez, um sepultamento...

O cortejo percorreu as ruas principais da cidade, em meio a um povo que apenas deixava livre o espaço para passar.

Não bastando a Catedral para conter toda aquela multidão, o Vigário Geral deu ordem para que, junto às portas de entrada, as Companhias parassem e se dispusessem em duas alas: assim puderam contemplar aquele espetáculo de estima e devoção religiosa. Dom Re celebrou a solene Missa de sufrágio, que foi com precisão pelos Clérigos do Seminário; e depois, oficiou as exéquias. Em seguida, a procissão prosseguiu até o Cemitério com a mesma ordem e afluência de povo.

Os despojos mortais, fechados em caixão duplo, foram enterrados na cripta, ao lado de Dom José Sciandra, seu imediato predecessor.

No Bispado, sob o seu retrato, foi cravada a seguinte epígrafe, que na sua brevidade contém um magnífico elogio das suas virtudes:

+ José Marelllo
De São Martinho Tánaro
Feito Bispo de Acqui em 1889
Manso, Prudente, Cheio de Caridade Cristã
Deixando Saudades
Morreu em 1895
Com 51 anos de idade
Foi Bispo de Acqui por Seis Anos

Além dos funerais nas várias Igrejas da Diocese de Acqui, é de se recordar o de sétimo dia, que os seus colegas de escola quiseram celebrar na Igreja de São Segundo em Asti, no qual tomaram parte todas as Famílias de Santa Chiara.

Imponente foi também o de trigésimo dia, celebrado pelos seus filhos em Santa Chiara, sendo justo que aqueles que mais tinham sido beneficiados por ele fossem os mais solícitos em demonstrar seu afeto e reconhecimento. Na Igreja lindamente decorada para luto, foi preparado um magnífico catálogo para a circunstância. A Missa foi cantada pelo Cônego Riccio, colega de escola de Dom José Marelllo; na ocasião, os nossos Irmãos executaram o “Requiem” de Cherubini com acompanhamento de orquestra.

Terminada a função, Pe. Rastero, professor de Filosofia no Seminário de Acqui, proferiu um esplêndido elogio fúnebre, recordando a figura querida do comum Pai e Pastor, levando o auditório à comoção. Quem esteve presente ainda se lembra das caras emoções da-

quele dia. Desta cerimônia participaram também Mons. Pagella, o Cônego Peloso e vários outros Sacerdotes da Diocese de Acqui.

A querida figura de Dom Marello continua viva na mente de seus filhos. É certo que o tempo tudo destrói e reduz a cinzas os mais célebres monumentos da arte humana; mas a memória do justo não se corrompe, permanece eterna, como eterna é sua glória no céu. Agora que seus restos mortais repousam há vinte e cinco anos no Cemitério de Acqui, onde os ciprestes e os álamos agitados pelo vento parecem murmurar de contínuo uma oração, há um só desejo no coração de seus filhos: que venha logo o dia em que os seus restos mortais possam pousar em nosso meio. Ao redor do Pai há de se formar um batalhão de apóstolos, cheios do seu espírito, que irão difundir por toda parte o Reino de Deus nas almas.

Aqui virão os jovens buscar luz e conselho nos passos incertos da vida; aqui, lembrando seus exemplos, virão todos fortalecer-se na virtude; aqui os missionários, antes de partir, rogarão de Deus as bênçãos para suas fadigas; e aqui, voltando para junto dele, entoarão o hino de ação de graças.

CAPÍTULO XIII

- Incremento da Congregação, após a morte de Dom Marello
- Testamento espiritual do Pai aos filhos
- Conclusão

O sacrifício da vida de Dom Marello fora aceito pelo Senhor, e já impetrava à Congregação as bênçãos mais escolhidas, preparando-lhe o triunfo total. Os fatos que se seguiram são prova disso.

Dom Ronco, que por certos aspectos já amava bastante o nosso Instituto, depois da morte de nosso Fundador tomou-se de tão grande amor pelos nossos interesses, que passou a cuidar deles como seus próprios, tornando-se o nosso mais influente defensor junto à Santa Sé e afirmando com entusiasmo que o incremento da nossa Congregação era obra evidente de Deus. Nutriu por todos os nossos Irmãos um afeto de pai, tanto que chegou um dia a dizer com satisfação ao nosso Pe. João de feliz memória: “E vocês de Santa Chiara, me querem bem? “

Dom Jacinto Arcángeli, cuja memória é também sempre muito cara entre nós, foi o sucessor de Dom Ronco não só no episcopado, como também na estima e no amor pela nossa querida Congregação. De fato, logo após o primeiro ano de sua chegada em Asti, e precisamente a 18 de março de 1901, promulgou um Decreto dando a existência canônica ao nosso Instituto, como Congregação Diocesana, e permitindo que seus componentes se consagrassem ao

Senhor pela Emissão dos primeiros Votos Religiosos de Pobreza, Castidade e Obediência.

À partir daí, a Congregação começou a ampliar seu campo de ação, sendo várias as Dioceses que se beneficiaram disso.

Assim, muitos Bispos, precedidos por Dom Jacinto Arcángeli, fizeram ardentes esforços junto à Santa Sé, para que fosse aprovado um Instituto tão benemérito e fecundo de apostolado. E a Sagrada Congregação dos Religiosos, levando benevolmente em consideração esses pedidos, a 11 de abril de 1909, concedeu não só o suspirado “Decreto de Louvor”, como também o “Decreto de Aprovação” do nosso Instituto.

Imenso foi o nosso júbilo ao receber a feliz notícia, e logo se prestaram solenes ações de graças ao Senhor e à Virgem das Dores à intercessão da qual tinha sido particularmente recomendado o bom êxito daquelas súplicas à Santa Sé.

Há pouco tempo, Sua Santidade o Papa Bento XV, concedeu que tivéssemos também nós, uma casa em Roma, onde pudesse residir o nosso Procurador Geral.

E agora a nossa Congregação, cheia de vida, com sempre mais numerosos candidatos, atravessa os mares e inicia duas importantes missões: uma nas Ilhas Filipinas e outra no Brasil.

A esses venerandos Confrades que, animados pela caridade de Jesus Cristo sulcaram o oceano, abandonando generosos as comodidades da pátria, vai nessas páginas a entusiasta saudação dos Confrades da Itália. Um longo espaço nos separa deles, mas um só amor nos impele, um só afeto nos une, um só desejo nos anima: propagar por toda parte o Reino de Jesus Cristo é fazer conhecido de todos o nosso Celeste Patrono São José.

Este será sempre o nosso santo e sublime ideal. Toda noite, recordando-os diante do Senhor, uniremos nossas orações às suas, a fim de que Deus os console, abençoe as suas fadigas e envie mais operários na sua mística vinha.

A este ponto, uma importante consideração nos vem à mente: o nosso apostolado será tanto mais benéfico e tanto mais copiosos serão os frutos nas almas, quanto mais imitarmos São José e seguirmos os passos deixados pelo nosso amado Fundador. Além dos numerosos exemplos e ensinamentos que já encontramos ao longo destas breves Memórias, Dom Marelló nos deixou preciosos documentos escritos, que são como o testamento de Pai aos filhos como a expressão do seu espírito cheio de santo amor para com Deus e o próximo. Esses documentos não são muitos, mas são tais que nos fazem sentir logo o perfume e a beleza sobrenatural da sua alma; acham-se espalhados em mais de cinquenta cartas por ele escritas sobre os mais variados assuntos. São Cartas escritas de forma clara, simples e concisa; e, embora escritas sem requinte, são porém de uma propriedade e fluência admirável e revelam nele uma cultura incomum. Nós, a seguir, vamos transcrever os principais desses documentos de vida espiritual e sabedoria cristã, apresentando-os em sua espontaneidade original.

Começando pela perfeição religiosa, à qual somos chamados de modo especial, eis como o Fundador exorta um Irmão, que lhe expunha suas dificuldades em prosseguir os estudos iniciados: “São Paulo, a quem desejas imitar, deixou escrito: - Por ventura são todos Apóstolos? e todas as virtudes iguais? etc. etc... Aspirai, pois, aos dons mais altos... Se Deus quisesse fazer de ti um Santo como São Felix de Cantalício, seria grande ventura, e tu

serias seu companheiro no Paraíso, acima de tantos Doutores. A divina bondade não deixou faltar-te aqueles dons que mais valem para fazer um bom religioso e um membro operante no corpo da Congregação de São José. Se à semelhança deste grande Patrono devesse servir a Jesus em ofícios modestos e inferiores àqueles de São Pedro, lembrar-te-às que o humilde Protetor de Jesus está no Céu acima do grande Apóstolo. E ficarás contente com a parte que o Senhor te destinar aqui na terra, confiando que te será fácil, com a ajuda divina, sustentá-la de modo a merecer uma recompensa grande no céu. A quem foi dito: “Eu serei a tua recompensa superabundante? A Abraão obediente e fiel” (06 de março de 1893).

Queria o Fundador que as obras externas não prejudicassem as espirituais, que aliás deviam sempre ter precedência: “Continuem fazendo na granja todas as melhorias oportunas, aproveitando o trabalho dos Irmãos, de modo porém que, sem detrimento da parte espiritual, possa-se tirar um bem também do lado material. Enfim, que as fadigas intelectuais e as manuais sejam bem temperadas como dois meios que conduzem a um único fim: o serviço de Deus na imitação de São José” (07 de março de 1891).

Alguns Irmãos tinham pedido para passar o ano de serviço militar em Florença para ter comodidade de melhorar no conhecimento da língua italiana. Ele, temendo pela sua saúde espiritual naquela tão longínqua cidade, escrevia: “O desejo dos dois recrutas, de ir para Florença enfarinhar-se na linguagem da “Academia da Crusca”, fez-me recordar o sonho de São Jerônimo, em que era chicoteado por ser mais ciceroniano do que cristão. Um filho de São José não precisa tanto de falar um vernáculo castiço, quanto de aprender a linguagem dos Santos. E naquela bonita região que é chamada

jardim da Itália, infelizmente há o perigo de se perder a pureza da vida em se buscando a pureza da língua. Lá, colhem-se mais que em qualquer outro lugar as lindas flores da literatura clássica, mas são descuidadas as flores da piedade e do bom costume, e o gosto das belezas profanas facilmente prevalece sobre o das coisas sagradas. Além disso, não será com certeza no quartel que se aprenderá a propriedade da língua e o tesouro dos vocábulos mais belos e dos modos mais corretos de falar. Assim, considero como fantasia de jovens inexperientes o desejo de prestar serviço militar em Florença, onde nós não temos nenhum conhecido nosso, em vez de fazê-lo em Alessândria ou em Turim, dentre amigos e conhecidos benévolos, bem pertinho de Santa Chiara e nas condições favoráveis que já tem servido a tantos outros para conservar a vocação” (23 de janeiro de 1892).

Não se presuma, porém daí, que ele não estimasse os estudos e os tivesse em pouca conta. Pelo teor de sua carta, vê-se claramente que a dissuadi-los o induz um único motivo: a saúde da alma e a perseverança na vocação religiosa.

De caráter santamente alegre e brincalhão, queria que os seus filhos, deixando de lado a tristeza, peste da santidade, servissem o Senhor em santa liberdade de espírito: “Folgo em saber que a alegria espiritual floresce sempre entre os Sacerdotes de São José... Fora com os escrúpulos que são a peste, repito: a peste da vida espiritual; estrangular logo no início toda fantasia vã; não voltar atrás para refazer o caminho; não adiantar-se demais, nem se demorar para ver se o passo foi bem dado; confiança em Deus, que está junto de nós para corrigir nossos inevitáveis erros, mesmo quando temos a melhor das intenções do mundo” (10 de novembro de 1889).

Deus é o Senhor, e nós somos os seus servos: a Ele cabe manifestar sua vontade, a nós segui-la perfeitamente. Quanto mais estivermos unidos a Ele com esta conformidade e resignação, tanto mais será perfeito o nosso amor, porque a vontade de Deus é infinitamente santa e perfeita, e fonte para nós de tranquilidade e felicidade mesmo nos piores dissabores da vida.

Dom Marelló, assim exprime a resignação que se deve ter nos sofrimentos: “A doença do Irmão (a respeito do qual tu escreveste) me entristeceria demais, se não pensasse que São José é o enfermeiro e que a Congregação, sofrendo por vontade de Deus em algum de seus membros, reflorescerá com mais saúde em todo o corpo. Repitamos, sempre, que tudo concorre para o bem... até mesmo nas mínimas coisas, conforme a experiência nos tem ensinado”(08 de novembro de 1889).

E em outra carta: “Corta-me o coração a notícia sobre as condições de saúde dos dois queridos Irmãos. Se Deus bendito quer chamá-los a si, não é senão para fazê-lo no Céu mais valiosos cooperadores para incremento da Congregação: isto nos assegura a fé; mas a voz da natureza se faz ouvir e se eleva suplicante ao trono da divina bondade, para que os deixe ainda um pouco entre nós e aqui mesmo, visivelmente, torne eficaz a obra deles para edificação dos Irmãos. Ó Senhor, inspira-nos Tu a melhor oração que devemos dirigir-te e depois concede-nos a graça de adorar sempre os decretos da Tua vontade” (26 de fevereiro de 1890).

Em outro lugar, ainda: É bem dolorosa a notícia que recebo! O Senhor deu o Senhor tirou... O Senhor nos deu o bom Irmão Teodoro, Ele no-lo tirou; mas conforta-nos a esperança de que no-lo queira devolver no Paraíso, junto aos Irmãos para as quais já brilha

(podemos acreditar) a sempiterna luz. Seja-nos também consolador o pensamento que, se Deus nos pede o sacrifício de alguma bela flor do nosso jardim, irá recompensar-nos amplamente fazendo germinar muitas outras sob o orvalho celeste e defendendo-as sempre amorosamente contra as geadas, até transportá-las para o céu” (12 de setembro de 1894).

Queria que nos alegrássemos nas adversidades: “Agradeçamos o Deus, porque nas duas visitas governamentais a Santa Chiara algo tenha sido para nós desfavorável. Se tudo tivesse corrido bem, teríamos tido motivos para ficar assustados, por medo de que o inimigo ocultasse as suas insídias debaixo de uma aparente proteção. Alegremo-nos, portanto, que não tenham cessado as contradições e não faltem os adversários para fazer-nos crescer na confiança em Deus. Na hora certa, sabemos por experiência que desaparecem as dificuldades, se muda o ânimo de quem as suscitava e a obra de Deus procede amparada por novos favores” (11 de maio de 1893).

Abandonava-se docemente nos braços da Divina Providência, como faria um menino nos braços de sua mãe.

“Viver entregando-se à Providência” era uma de suas máximas favoritas. E quão maravilhosas foram as expressões que lhe brotaram a propósito, na ocasião da morte de Mons. Tórchio e na incerteza em que se encontrava Santa Chiara no início de um ano escolar...: “Neste mundo, sempre se alternam o gáudio e a pena, e se a morte de um servo de Deus nos deixa no coração um sentimento de paz por aquela esperança que no-lo apresenta na posse de seu prêmio eterno, a abertura do ano escolar em Santa Chiara, que deveria ser acontecimentos dos mais alegres, faz-nos pensar no futuro com temor pelas incertezas do amanhã, e nos cumula o espírito de mil preocupações. Mas a vida de São José não foi também ela uma alternativa de consolações e temores? Portanto, em Santa Chiara, como na Casa de

São José, em meio às dúvidas e ansiedades, estejam os ânimos sempre serenos e confiantes, e todos repitam com São Paulo: "Alegro-me nos sofrimentos por causa de Cristo". Também no ano passado o futuro parecia bastante sombrio e a Providência e fez sereno..." (24 de outubro de 1890).

Em outra carta: "Neste seu caro mês, quer São José que todas as notas fluam justas e melodiosas, de modo a arrebatarmos o espírito para as alturas, onde tudo é harmonia. Este Santo Patriarca quer mostrar-nos como em Belém, depois das horas de abandono e de silenciosa expectativa, vieram as visitas confortadoras entre os cânticos paradisíacos. Deixo o Pe. Cortona incumbido de desenvolver os muitos pontos de encontro que existem entre estes dois quadros: Belém e Santa Chiara" (23 de fevereiro de 1891).

Nunca quis, porém que por excessiva confiança tentássemos a Providência fazendo débitos sem a certeza moral de podê-los extinguir completamente: "Enquanto a soma da nossa dívida estava coberta pelo valor da casa, podíamos muito bem aceitar algum capital a juro: na pior das hipóteses, sempre poderíamos esperar de conseguir pagar os juros com os nossos recursos pessoais... Agora, porém, que estamos gravados por um débito anual de quase sete mil libras, que corresponde a um capital de cento e quarenta mil, parece-me que devemos por um ponto final e não estender mais a mão àquelas ofertas que, aparentemente favoráveis, são na verdade um peso para a Casa... Em vez de empenhar-se com novas obrigações, sinto o dever de por-me em regra com as antigas... a fim de não decairmos do caminho da confiança para aquele da temeridade" (16 de agosto de 1891).

"A obra - dizia num outro escrito - os débitos, a Providência!!! Três palavras riquíssimas que chamam a atenção para três grandes considerações nem sempre em plena harmonia entre si. A primeira e última, com o reforço da fé, até que dá para conciliá-las mas a do meio muitas vezes não há jeito de torná-la afinada!" (08 de março de 1891).

Sua virtude característica era a caridade doce, paciente, amável, benigna, que toma peito as necessidades espirituais e temporais dos seus caros, com um cuidado mais que materno. A virtude da caridade, filha primogênita de Deus, o afeto mais nobre que possamos dar a Deus e o mais aceito pelo nosso irmão, aparece facilmente em muitos trechos de suas cartas: "A carta que recebo... mostra-me que em verdade os Irmãos de São José, no mês dedicado ao seu Patrono, mais do que em qualquer outra época do ano, à imitação dele "misturaram alegrias e dores"; alegrias do espírito, "porque foram achados dignos de sofrer injúrias", e dores do coração transpassado de tantos espinhos. Eu também tomo viva parte, tanto nas consolações como nas dores comuns. Uno-me às orações de sufrágio pelo pai do Pe. Baratta e pela mãe do Ir. Alexandre. A estes queridos defuntos que encerraram no beijo do Senhor a sua terrena jornada, refulja a luz sempiterna no Reino dos Céus. Rezaremos a São José para que obtenha aos enfermos a saúde e a todos a graça de conhecer e seguir a Divina Vontade" (04 de março de 1895).

Veja-se esta carta de votos e desejos, toda ternura e bondade:

*José,
Bispo de Acqui,*

*Aos Queridos Filhos da Casa de Santa Chiara,
Paz e Alegria Espiritual no Salvador Jesus.*

Agradeço de todo o coração os vossos votos e quero retribuí-los, um por um, com esta carta, como fiz junto do berço do Menino Jesus. Alguns de vós me recordaram que neste mesmo belo dia dos anos passados eu costumava distribuir presentes entre todos. Oh! de quão boa vontade eu faria o mesmo também este ano, se não estivesse tão longe! Mesmo assim, eu sei que alguns presentes esperais de mim, e será preciso que eu me esforce para mandar-vos ao menos um pequeno bombom. Junto com o doce que satisfaz por um minuto a boca, gostaria entregar como de costume também um presente de maior duração, que pudesse contentar os vossos olhos e a vossa devoção. Mas, como fazer? Eis que Jesus vem em meu auxílio. Ele se encarrega de chegar até vós em meu nome, mostrar-vos seu belo semblante divino, dar-vos um celeste sorriso, apresentar-vos seu cândido lírio, elevar sua mãozinha para que possais todos receber a sua benção, convidar-vos a ficar sempre com Ele como tantos cordeirinhos para gozar de suas amorosas carícias. Acolhei, portanto, este meu divino mensageiro, que vos leva um presente mais precioso do que aquele que poderíeis esperar de mim, Não tenhais medo de serdes indiscretos no pedido; aliás, pedi um presente bem grande, porque quanto maior o pedido, tanto maior será o presente; e a alegria que vereis n'Ele por favorecer-vos será tanto maior, quanto mais insaciável for em vós o desejo dos seus favores.

Ó Bom Jesus! dai a cada um destes caros filhos tudo o que ele deseja e ainda mais. Desde o primeiro dia do ano novo, recomeçai com eles os vossos divinos colóquios com os quais os trazeis sempre para mais perto de vosso divino coração. Acariciai-os como vossos amiguinhos que já aprenderam a conhecer a doçura do vosso amor.

Fazei que se tornem os vossos grandes amigos nesta vida e tenham depois um trono de glória no Reino da Vida Eterna. Meus filhinhos, dizei todos: Amém. Graças a Deo” (Natal de 1889).

A imagem do Menino Jesus, que então enviou com esta carta, conserva-se ainda como preciosa lembrança.

Não menos afetuosa é esta outra carta: “As visitas, as cartas e os cartões de Boas Festas que recebo nestes dias, recordam-me o dever de dirigir a Deus especiais votos pela dileta família de Santa Chiara. O meu pensamento, porém, se confunde entre tantos objetos que o disputam e querem ter a precedência. Pe. Cortona e Pe. João nas suas recentes visitas acrescentaram muitos novos nomes aos antigos e todos, agora, estão juntos em minha cabeça .Desejaria colocá-los um pouco em ordem e enviá-los com um voto de recomendação ao Berço do Menino Jesus, mas ... aqui é o difícil! Ainda bem que aquela Divina Criança prometeu vir em meu auxílio, fazendo a chamada e convidando todos aqueles objetos a apresentar-se segundo a ordem já estabelecida pela sua inefável Providência. Graças a Deo. Por mais que a nossa mente seja capaz de especificar as coisas boas, ela se encontra a uma distância infinita da única que pode especificá-las de modo absoluto. Ao homem discernir o bem, a Deus discernir o bem maior, o verdadeiro bem.

Assim, ao desejar o bem, os Santos subordinavam sempre o seu juízo ao d'Aquele que, mesmo recompensando-nos pelos bons desejos, quer que os mudemos em outros relativamente melhores. Troque-mos, portanto, entre nós muitos votos de boas festas de Natal e Ano Novo, mas deixemos que o bom Jesus os atenda no modo e na medida que Ele sabe ser melhor para sua glória e em prol de nosso bem espiritual.

Queremos, porém, que seja atendido o voto no qual se resumem todos os outros: Salvador nosso, vem-nos salvar!

Termino com esta oração votiva e subscrevo-me:

Afeiçoadíssimo + José, Bispo “ (20 12 1892)

Interessava-se de todos, dizendo que os trazia dentro do coração: “Estamos nas mãos de Deus e convém resignarmo-nos ao seu justo juízo. Se não posso ir a Asti pessoalmente, não deixo de chegar aí com o espírito e unir-me na oração aos meus diletíssimo de Santa Chiara e aos outros, dos quais me foi dado o doloroso elenco e que recomendo ao Senhor com toda a alma. Não os nomeio aqui, mas tenho-os a todos presentes na memória e no coração” (14 de janeiro de 1892).

Ouçamos como ele se alegra do bem operado pelos seus filhos: “Vocês me escrevem tantas coisas bonitas e boas... que não posso deixar de repetir no coração mil vezes “Graças a Deus”. Pobres Josefinos do Asilo de Crônicos, Sacerdotes menores, vocês não são nada e não têm nenhuma daquelas que poderiam ser chamadas “garantias” para o futuro; e no entanto, o Senhor se serve de vocês para o bem das almas. Digam, então, “somos servos inúteis”, mas vão em frente, fazendo a parte que a vontade divina, por meio de quem a representa, dia a dia lhes indica; e então pode ser também que os homens “vejam as suas obras e glorifiquem o Pai que está nos Céus” (07 de abril de 1891).

Queria que se usasse moderação até mesmo nos exercícios de piedade, quando pudessem prejudicar a saúde corporal. Eis de

fato como ele fala da “Adoração Perpétua” que se queria instituir em Santa Chiara: “Ela seria oportuníssima nesses dias. Tudo está a combiná-la de modo que não seja em detrimento da saúde dos Adoradores e Adoradoras, com prejuízo das pessoas. O Senhor, na sua generosidade, muitas vezes prefere ficar para trás e dar a mão aos outros, fazendo passar os atos de caridade à frente dos de piedade, ou pelos menos se digna atribuir aos primeiros o mesmo valor e mérito dos segundos” (19 de dezembro de 1890).

Desejava que os Irmãos aproveitassem o indulto pontifício referente ao jejum da Quaresma, a fim de manter as forças corporais: “O indulto pontifício é efeito da bondade materna da Santa Igreja. Por que não valer-se dele? A maior parte dos Irmãos não tem lá muita saúde... Deus o sabe e inspirou o Papa a mitigar a lei da penitência corporal tanto para os outros, como para Santa Chiara. Não houvesse indulto, o auxílio de Deus viria favorecer a obediência; mas já que esta se faz muito pesada e vem legitimamente tirada pela própria autoridade que legitimamente a impôs, iremos nós querer ser tão teimosos em nosso juízo particular, a ponto de não nos igualarmos aos outros fiéis que acreditam poder servir-se “no Senhor” da benignidade da Igreja...? De resto, resolvam aí segundo o juízo do Bispo, que ele de certo deve ter indicado normas gerais e particulares, para o Seminário e outras Comunidades que o tenham interrogado a propósito” (26 de fevereiro de 1890).

Querendo o Ecônomo de Santa Chiara reduzir ainda mais e já escassa comida, o Fundador assim escreve: “Fazer reformas no cardápio não me parece conveniente. Seria querer poupar a semente e pretender depois uma colheita abundante” (19 de dezembro de 1890).

E noutra carta, não só demonstra sua ternura pelos Irmãos, mas também o amor à pobreza: “Economia, economia, mas não a ponto de subtrair à mesa aqueles alimentos que também são necessários para manter a gente em pé. Economia em tantas coisinhas supérfluas; nas luzes, apagando-as a tempo; nas despesas, reduzindo-as ao estrito necessário; nos enfeites para a Igreja, adotando por algum tempo do espírito de São Francisco; em tudo aquilo que não saberei dizer, mas que o engenho analítico e sutil do nosso zeloso Ecônomo está pronto a advinhar. Com a supressão destas pequenas despesas, eis que já se economiza um bom milhar de francos por ano” (23 de setembro de 1889).

Era-lhe cara a obediência como o holocausto mais agradável a Deus e a virtude que mais atrai sobre nós as bênçãos do Senhor. Numa de suas cartas, aproveitando o fato de um Irmão ter abandonado a vocação, assim descreve os males da própria vontade e as vantagens da obediência: “Coitado, não soube humilhar o seu juízo e parecia-lhe doce poder dispor do livre domínio; mas agora percebe que, longe de dominar seu juízo, pouco a pouco se tornara seu escravo...

Não se dão passos tão decisivos e com tão aberta e enérgica deliberação de vontade, sem ter antes movido temerariamente o pé rumo à ladeira. Ah! obediência (não aquela que às vezes quer abrir um olho para ver um pouquinho o que está acontecendo, mas a que se chama “cega”), quantas graças nos atrai do Céu para não pisarmos em falso e andarmos diretos à meta! Aflijamo-nos que não poucos Irmãos tenham deixado murchar as primícias desta virtude, que São José queria bem enraizada nos seus corações; deploremos sua sorte e façamos objeto de meditação para nós! “ (04 de abril de 1892).

Desde 1885, já se tinha tratado a questão se fosse conveniente ou não aceitar Paróquias. Nosso Fundador acreditou em primeiro momento mais oportuno não aceitar, porque os Josefinos, aceitando o cuidado de uma Paróquia, acabariam pensando mais nela do que na Congregação; e também porque isso poderia dar ocasião de desentendimentos com o clero secular. Mas era sua vontade que, segundo o espírito do Instituto e a vontade do Bispo, assumissem somente a responsabilidade temporária (ou “economia espiritual”, como então se costumava dizer). “O Castelvero, é preciso aceitá-lo a todos os custos. Primeiro, por coerência com nossos princípios de contarmos sempre e unicamente com a Providência; e depois, por obediência - mesmo com sacrifício - à vontade do Bispo, que está na mão de Deus e pode servir de meio para o conseguimento de vantagens muito maiores do que o prejuízo que gostaríamos de evitar. De nossa parte, façamos sempre pender a balança para o lado da Autoridade e poderemos esperar que Deus, Autoridade Suprema, de mil modos e em coisas de ordem mais elevada, fará que a mesma balança, sem que outros percebam e às vezes até a malgrado deles, penda a favor de nossa causa” (23 de janeiro de 1892).

No santo recolhimento, o seu espírito ouvia e saboreava a suavidade do Senhor e elevava-se muitas vezes até Ele com a oração: era a tenra planta que despontava de sua fé, nutria-se de sua esperança e ganhava o perfume da caridade. São testemunhos disso as recomendações que frequentemente fazia aos Irmãos e o conforto que esperava da retribuição de suas orações:

“Invoquem sempre em meu favor o auxílio divino com suas orações, os meus caríssimos de santa Chiara; e eu não deixarei de invocar também sobre os amados Irmãos de São José todo e qualquer dom que vem do alto” (02 de julho de 1889).

E noutra carta: “Os auxílios espirituais de Santa Chiara já me serviram por isso, mais do que nunca me apoio neles pelo bom êxito da minha peregrinação pastoral, que iniciarei dentro de poucas horas em nome do Senhor” (19 de abril de 1890).

E noutra ainda: Por ocasião do dia do Santo do meu nome, chegaram-me muitas promessas de oração e de auxílios espirituais. Dessas caridosas ofertas quero que sejam partícipes os queridos Oblatos, como de uma riqueza à qual também eles têm direito. Do mesmo modo que eu comunico tudo o que é meu, os filhos de São José me comunicarão tudo o que é deles; a cada um poderei dizer: “Tudo o que é meu, é teu - e vice-versa - segundo o desejo de Jesus que os seus discípulos sejam perfeitos na unidade” (20 de março de 1891)

A grande devoção ao glorioso Patriarca São José e a confiança no Patrocínio deste grande Santo, ele a manifestava em quase todas as suas cartas, se não no texto, ao menos no desfecho. Desta mesma devoção desejava que fossem animados os Irmãos. Eis alguns exemplos: “Uno-me em espírito aos queridos Irmãos na novena e na festividade do Patrocínio de São José, e invoco ao nosso grande Papai uma grandíssima benção sobre todos” (19 de abril de 1890).

E outra ocasião: “Aguardo notícias da solenidade, que imagino tenha sido extraordinariamente bela e devota. José é filho que cresce, e os seus filhos também devem crescer, ao menos no culto do seu Santo Patrono” (20 de março de 1891).

E mais adiante : “Esperemos que São José nos faça ouvir a sua voz. Estamos no seu belo mês; Pe. Cortona prega suas glórias; os Irmãos e toda a Casa invocam de corações unidos a sua proteção...

Diremos, portanto, ao nosso grande Patriarca: Eis-nos todos para ti e tu sê todo para nós. Indica-nos tu o caminho, ampara-nos a cada passo, conduze-nos para onde a Divina Providência quer que cheguemos, seja longo ou curto o caminho, suave ou penoso, veja-se ou não a meta com olhos humanos. devagar ou depressa, contigo temos certeza de caminhar sempre bem” (08 de março de 1891).

“Vamos juntos a São José - escreve numa sua carta - e rezemos mutuamente ; e o nosso Santo Patriarca obtenha de Deus para todos toda graça necessário” (21 de fevereiro de 1891).

E ainda: “Queira Deus que nos conservemos sempre dignos de pertencer a esta Família abençoada, e merecedores de receber das mãos de seu Chefe o sustento quotidiano” (23 de fevereiro de 1891).

“Estejamos todos alegres sob o manto paterno de São José, lugar de seguríssimo refúgio nas tribulações e angústias também para o vosso afeiçoadíssimo + José, Bispo” (04 de março de 1895).

E noutro seu escrito: “O nosso Protetor sempre nos ajude. O auxílio deste grande Protetor se estenda também sobre todos os alunos: possam eles ter bom êxito nos exames e receber, em retribuição ao consolo que me deram com sua afetuosa carta, a abundância das graças divinas” (02 de julho de 1889).

E finalmente : “São José queira cobrir com o manto paterno seus filhos devotos” (26 de outubro de 1894).

Grande, de verdade, era sua devoção ao Santíssimo, Sacramento da Eucaristia. Eis como exprime a alegria que provou com a

notícia de que em Santa Chiara se fizera com muita solenidade a procissão do Santíssimo Sacramento no dia do Sagrado Coração de Jesus:

“Parabéns a todas as famílias de Santa Chiara que competiram no zelo para promover a manifestação de fé em Jesus Sacramentado: extraordinária e esplêndida manifestação de fé, geradora dos mais intensos atos de amor. Aquele triunfo de luz, de Cânticos, de perfumes e de mil coisas lindas, que circundaram por uma hora o Rei da Glória, seja o símbolo das festas triunfais com que Jesus é perenelemente glorificado por uma alma eleita” (16 de junho de 1890).

Tendo ele sabido que por motivos de reformas fora transportada solenemente a Sma. Eucaristia da Paróquia de Casa Bianca para o pequeno Oratório da nossa granja, assim se comprazia: “A descrição do ingresso de Jesus Sacramentado no Oratório da granja era tão ao vivo que, lendo-a parecia-me ver a cena do bom Zaquie amplificada. O Irmão Felipe fazia o papel do afortunado hospedeiro do Salvador; e não era o único, mas havia, para imitá-lo na sua alegria muitos outros Zaquies, mais ou menos pequenos, que se atribuíram, cada qual a si mesmo, as doces palavras do Senhor... “Devo ficar em tua casa.”. Graças a Deus” (10 de junho de 1891).

É admirável a delicadeza com que exprime toda sua generosidade, quando renuncia à presença de um Irmão Coadjutor como criado. Mesmo sendo o Fundador e podendo dispor livremente dos Irmãos, sacrifica a vantagem pessoal pelo bem da Congregação inteira: “Apresso-me a render graças de todo coração pela boa vontade com que me vem feita a generosa oferta de um sucessor ao ex-irmão Leone; oferta que aumenta em valor pelo maior sacrifício de quem oferece e de quem se deixaria oferecer. De verdade, a renúncia, ou melhor, o empréstimo que a Congregação está disposta a fazer-me de um dos mais queridos Irmãos, e a renúncia, mesmo temporária, que

este faria às delícias da Casa de São José, em minha vantagem pessoal, tem a meu ver um valor muito grande. Mas, como poderei ser tão egoísta a ponto de aceitar logo, de consciência tranquila, um tão precioso dom, sem antes certificar-me que este dom não seria subtraído à propriedade de São José? Devo ser justo, e despojando-me da qualidade de Bispo em busca de sua vantagem pessoal, examinar onde esteja o bem maior; e se devesse dar com ânimo desinteressado um juízo a propósito, este inclinaria em favor de Santa Chiara. Direi mais, Enquanto estou escrevendo, apresentam-se no meu pensamento tantas considerações, que se pudesse comunicá-las todas de viva voz ao Pe. Cortona, provavelmente receberia dele a renegação da proposta. E se ele não o faz por generosidade, cabe então a mim fazê-lo em seu nome a fim de justiça. Chegando assim a uma conclusão, direi que a saída do Irmão... de Santa Chiara, é para Congregação lucro cessante e um dano emergente, enquanto que a sua vinda para a casa do bispo de Acqui, se sob vários aspectos é para mim um lucro, sob outros tantos poderia trazer-me algumas dificuldades... É, quanto teria que expor de viva voz, para depois ouvir o próprio Pe. Cortona dizer: É verdade, eu também penso assim”. (21 de outubro de 1891).

Agora, prestes a terminar estas poucas páginas, queremos lembrar como o Senhor, na sua imensa bondade, nos quis chamar para a altíssima honra da vida religiosa na imitação de São José nesta Congregação, à qual o nosso Pai consagrou seus pensamentos, sua ternura, seu patrimônio pessoal e toda a sua vida.

Lembrando toda nossa indignidade e os benefícios de que nos quis o Senhor enriquecer neste período de nossa vida, nascerá espontânea em nossos lábios a palavra de agradecimento: “Tu, ó Senhor, bem saber quanto eu seja indigno desta graça! Tu que conheces cada fibra do meu coração e contas cada uma de suas pulsa-

ções, recebe o hino de gratidão não meu somente, como também dos meus Confrades que, crescidos à sombra salutar da Congregação e do Santuário, experimentaram as Tuas predileções”.

Nós, porém, do porto seguro giramos o olhar em redor: uma nuvem escura grava sobre a Igreja de Deus e a tempestade tenta desarraigar a fé do coração dos cristãos. Quanta guerra se faz contra o Papa e a Igreja: quantas insídias e quantas ruínas estão prestes a recair sobre as pobres almas. Muitos estão indolentes, enquanto o lobo em sua caçada infernal vem chacinando as almas; e as multidões, seduzidas por mestres da impiedade e do erro, correm em busca do bem e da felicidade sonhada.

Pensemos especialmente nas crianças que nos fitam com olhos inocentes e nos estendem as mãos pedindo socorro, nos adolescentes que, como tenras flores recém-desabrochadas, esperam o cuidado de um hábil jardineiro que os salve; nos jovens que desejam a instrução religiosa como sustento nas batalhas da vida. às antigas conquistas da Congregação, ajuntemos as novas. Sejam os seus salvadores por uma vida santa como aquela que queria o nosso Fundador; feita de orações, de sacrifícios, de trabalho assíduo.

Como São José, levemos Jesus a todos os corações, especialmente aos jovens, cumprindo aquilo a que nos quis dedicados o nosso Fundador. Será trabalho difícil, árduo e penoso, que talvez, depois de meses e anos, nos deixará pouco consolados. Não desanimemos. Deus recompensará abundantemente as nossas fadigas e a boa semente lançada frutificará a seu tempo. Os jovens a quem nos dedicaremos serão filhos de nossas lágrimas: virão consolar nossos últimos dias e reparar a ingratidão de um mundo mal-agradecido; e prepararão para nós o triunfo daquela glória eterna pela qual tanto

anseia a nossa alma. “Quem zela pelos interesses do seu Senhor, será glorificado”.

ÍNDICE

DEDICATÓRIA

PREFÁCIO

CAPÍTULO I 1844 - 1867

Nascimento de Dom Marelló

É conduzido a São Martinho Alfieri

É chamado ao estado eclesiástico e ingressa no Seminário.

Abandona os estudos eclesiásticos e inicia o curso comercial.

Sua conduta neste meio tempo
Cai gravemente enfermo
Sua cura prodigiosa
Retoma os estudos eclesiásticos.

CAPÍTULO II 1867 - 1877

Sua ordenação sacerdotal
Dom Sávio, novo Bispo de Asti
O Marelo é escolhido para secretário do Bispo
Acompanha Dom Sávio ao Concílio Vaticano I
Falece seu pai
Quer tornar-se trapista e Dom Sávio o dissuade
Chamado a ser confessor de Dom Sávio
Segunda tentativa de ingressar na Trapa.

Capítulo III 1877 - 1879

Idéia do Marelo de fundar uma Congregação
Consulta de respeitáveis e piedosos eclesiásticos
Primeiros Irmãos e a Congregação no Michelério
Pobreza extrema dos primeiros tempos
Instruções sobre São José e outros ensinamentos
Ocupações dos Irmãos
Primeira vestição religiosa.

CAPÍTULO IV 1879 - 1881

Santuário de Nossa Senhora do Vallone e casa anexa
Doença de Dom Sávio e sua santa morte
Dor do Marelo por tão grande perda
Fatos edificantes concernentes Dom Sávio

Mudança do Marelo para o Seminário Diocesano

CAPÍTULO V 1881 - 1883

Dom Ronco, novo Bispo de Asti
O Côn. Marelo e o Memorial sobre a Congregação
Desejo de alguns Oblatos de atender aos estudos
Dificuldades por parte do Côn. Cerutti
Padre Cortona entra na Congregação

CAPÍTULO VI 1883 - 1884

Novas dificuldades quanto aos estudos
Mons. Bertagna, Vigário Geral de Asti
Seu juízo sobre a Congregação
Seus bons préstimos junto ao Bispo
Divisão de interesses com o Michelério

CAPÍTULO VII 1884 - 1888

A Casa de Santa Chiara
Escola noturna de Catecismo
O Asilo dos Crônicos da Fundação Cerrato é transferido em Santa Chiara.
O Teatro é transformado em Igreja
Parte dos Irmãos mudam-se para Santa Chiara
O Marelo vai morar com eles
Proposta de união da nossa Família à Pequena Casa da Divina Providência do Cottolengo
O Marelo é nomeado Bispo de Acqui

CAPÍTULO VIII 1889

Dom Marelo parte para Roma

Cartas por ele enviadas dessa cidade
Sua Sagração Episcopal
Acolhida festiva ao seu regresso
Presentes que lhe foram oferecidos na ocasião
Primeiro Pontifical

CAPÍTULO IX

Dom Marello visita São Martinho
Demonstrações de honra que ali recebe
Centenário de N. Sra “della Salve” em Alessândria
Sua primeira Carta Pastoral
Seu solene ingresso em Diocese de Acqui

CAPÍTULO X 1889 - 1893

Dom Marello em sua vida pastoral
Exemplos edificantes
Seu retrato físico-moral

CAPÍTULO XI 1893 - 1895

Dom Marello e os jovens
Compra do Castelo de Frinco
Última grande tribulação do Fundador

CAPÍTULO XII 1895

Dom Marello prestigia outra vez as festas da “Madona della Salve”
Dirige-se a Savona
Sua santa morte
Solenes funerais

CAPÍTULO XIII

Incremento da Congregação após a morte de Dom Marello
Testamento espiritual do Pai aos Filhos
Conclusão
Índice